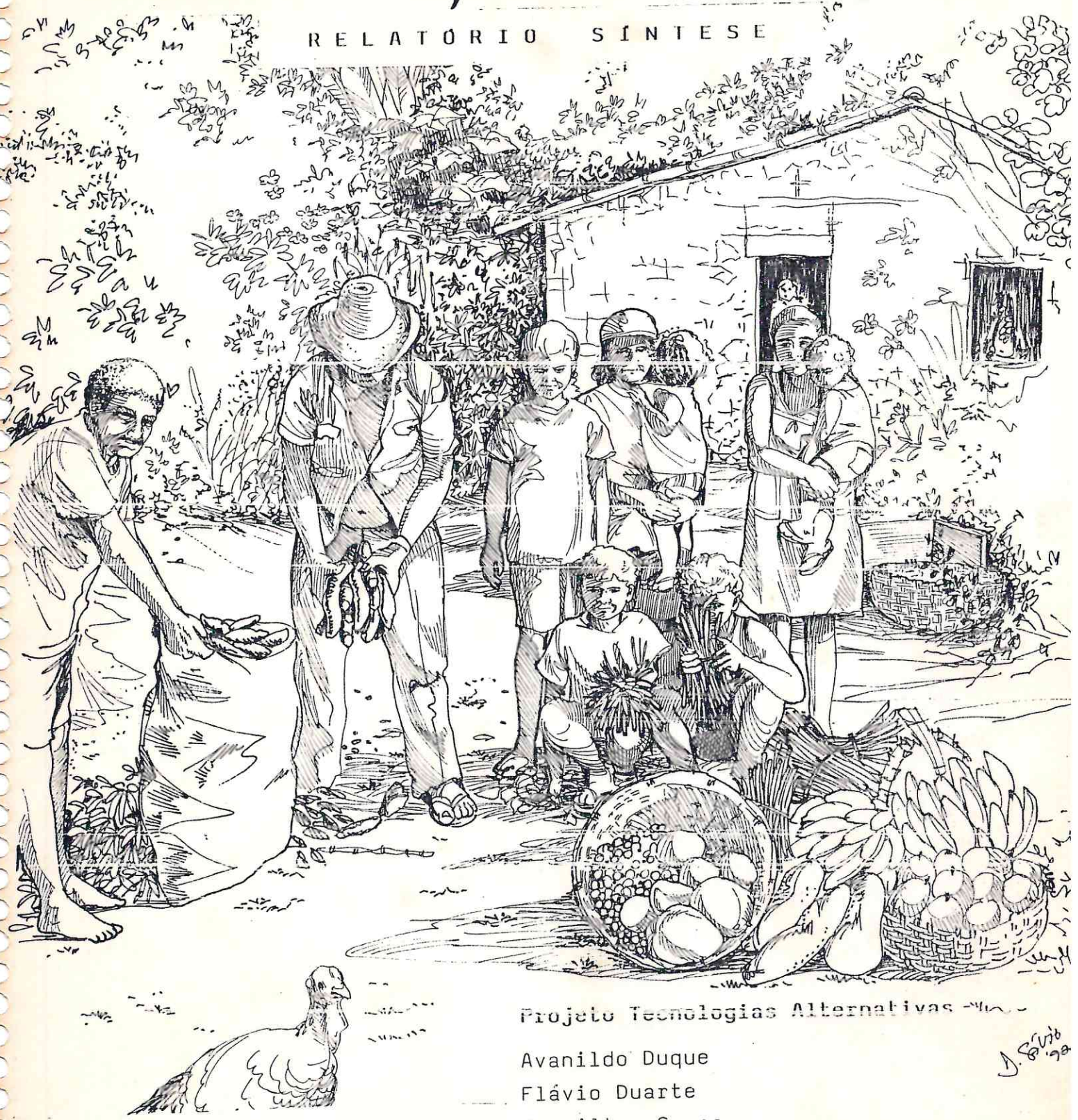


Intervenção PTA·PEPB

RELATÓRIO SÍNTESE



Projeto Tecnologias Alternativas

Avanildo Duque
Flávio Duarte
Joseilton Sousa
Kurt Habermeyer
Marcos Figueiredo
Vanderlúcia Silva
Ariluce Prieto
Marleide Irineu

J. Silva
98

7817

Í N D I C E

PARTE I: APRESENTAÇÃO

	Pág.
1. Introdução	2
2. Concepção de Agroecologia.....	3
3. Pequena Produção e Movimentos Sociais.....	3
4. Estratégia do PTA.....	4
5. Mapeamento da Intervenção.....	6
6. Funcionamento Interno.....	16

PARTE II: SISTEMATIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO PTA

1. Histórico do PTA 1984-1989.....	19
2. Quadro Resumo da Intervenção do PTA 1990-93.....	23
3. Mata Norte.....	24
4. Bom Jardim.....	30
5. Sertão Central de Pernambuco.....	34
6. Sertão da Paraíba.....	38
7. Fórum Seca.....	41
8. Rede PE/PB.....	45

PARTE III: ANEXOS

1. CJC: Ante-Projeto para a Avaliação Institucional.	
2. Termos de Referência.	
3. Proposta de Avaliação do PTA (José Albertino).	
4. Proposta de Avaliação do PTA (Equipe PTA).	
5. Indicadores para Avaliar os Programas e Atividades do PTA.	
6. Discussão do Roteiro de Avaliação Institucional do CJC. pela Equipe PTA.	
7. Questões Específicas (Discussão Interna do CJC).	
8. Fichas dos Técnicos.	

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Tecnologias Alternativas Pernambuco/Paraíba realiza uma intervenção sistemática e profissional voltada para a viabilização da pequena produção rural, através de propostas metodológicas e tecnológicas, baseadas em princípios agroecológicos. Incentiva, em vários níveis, a organização, articulação e intercâmbio.

O PTA PE/PB foi iniciado em 1985, articulando uma rede de intercâmbio entre organizações populares do campo e entidades de assessoria nos dois Estados. Na sua fase inicial, seguindo as linhas gerais de coleta, transformação e circulação de informação, o Projeto intensificou as atividades de identificação e sistematização de experiências em tecnologias alternativas, sensibilização e articulação de elementos-chave, e capacitação de agricultores e técnicos.

A partir de 1990, o PTA PE/PB vem articulando com maior intensidade a difusão ampliada nos dois Estados com uma intervenção localizada e mais concentrada. Neste sentido, priorizamos "áreas de atuação", "parceiros de cooperação" e "temas para especialização". A Mata Norte-PE, o Agreste Setentrional-PE, o Sertão Central-PE e o Sertão da Paraíba são as principais áreas de atuação; grupos de apicultores em assentamentos da Mata Norte, o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Bom Jardim, o POlo Sindical do Sertão Central, ONG's do Sertão Paraibano e o Forum Seca são os nossos parceiros priorizados. Os principais temas trabalhados são: apicultura, sementes, solos, agrossilvicultura, diagnóstico e comunicação.

No aspecto da difusão ampliada concentramos esforços nas atividades de capacitação (para agricultores e técnicos), na produção de instrumentos de comunicação, e na coordenação do Forum Seca, que trata de alternativas técnicas, organizativas e políticas para o enfrentamento da problemática do semi-árido nordestino.

O PTA PE/PB é integrado na Rede PTA Nordeste e Nacional. Funciona com uma equipe composta por seis técnicos e dois funcionários administrativos: um sociólogo rural (coordenador do Projeto), dois agrônomos, uma jornalista, um sociólogo antropólogo (cooperante do SACTES), um técnico agrícola de nível médio, uma bibliotecária/documentalista, e uma secretária.

2. CONCEPÇÃO DE AGROECOLOGIA

Trabalhamos a agroecologia como um sistema de organização sócio-econômico e técnico do espaço rural, fundamentado em uma visão participativa e equitativa onde os sistemas de produção sejam ecologicamente sustentáveis, economicamente viáveis e socialmente justos.

A agroecologia se baseia na preservação da natureza, e sua biodiversidade na conservação e melhoria da fertilidade dos solos, e na manutenção da boa qualidade dos recursos hídricos, reciclando os recursos naturais e propiciando a conservação da energia. Resgata e valoriza os conhecimentos populares, criando uma consciência social crítica e ativa, conjugada à utilização de conhecimentos modernos.

A agroecologia fortalece a independência e auto-suficiência dos produtores rurais, criando fontes de rendas estáveis, com baixo risco e sem necessidade de depender da introdução de elementos externos, vaibilizando, assim, a permanência do homem na terra.

Entendemos que a agroecologia é um importante suporte para o desenvolvimento rural sustentável, mas que deve ser somados a ela, outros instrumentos de política agrícola, científica e tecnológica; reforma agrária e associativismo; incentivo a organização popular e a criação de uma nova consciência da relação entre os homens e destes com a natureza.

3. PEQUENA PRODUÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

Na construção de um novo modelo de desenvolvimento rural, o PTA PE/PB aposta na pequena produção. Em Pernambuco e Paraíba, os pequenos agricultores estão resistindo ao modelo dominante, baseado no latifúndio, na monocultura e no pacote de modernização. As propriedades até 50 ha. ocupam entre 25 e 30% das terras, mas produzem mais de metade da produção vegetal e animal, principalmente para o mercado interno.

Mais que qualquer outra forma de organização da produção agropecuária, a agricultura camponesa reúne condições para se tornar ecologicamente sustentável e economicamente viável. Além disso, ela é a base de uma estrutura social rural (e global) mais justa e

No entanto, a pequena produção só sobreviverá e se desenvolverá se ela for organizada. Organizada economicamente (em associações e cooperativas) para enfrentar o mercado, e organizada enquanto categoria social (no movimento sindical) para brigar, junto com outros movimentos sociais, por mudanças políticas.

Para o PTA PE/PB, o movimento sindical rural constitui o parceiro privilegiado na sua estratégia de intervenção, tanto a nível micro como a nível macro. É em cooperação com alguns STR's que desenvolvemos experiência agroecológicas, enquanto em articulações mais amplas, como o Forum Seca, procuramos pressionar as políticas públicas estaduais e nacionais.

4. ESTRATÉGIA DO PTA

O objetivo do nosso trabalho é contribuir para viabilização da pequena produção rural através da sustentação ecológica e da eficiência, construindo experiências concretas em agroecologia e formulando propostas agroecológicas em maior escala.

Na definição da nossa estratégia de trabalho agrupamos o conjunto dos nossos parceiros em 3 níveis de atuação.

NÍVEL I - Areas Priorizadas - Mata Norte e Bom Jardim

Visa uma atuação direta e priorizada do PTA para avaliar os impactos de uma intervenção agroecológica na melhoria das condições de vida dos pequenos produtores, através da formação de agentes difusores que podem potencializar a multiplicação da intervenção, através de difusão direta e de forma sistemática. Com a realização de diagnósticos podemos precisar melhor as demandas e fortalecer uma atuação mais sistêmica, criando experiências de referência.

NÍVEL II - Sertão da Paraíba, Sertão Central de PE e Forum Seca

Apoiamos as atividades em agroecologia realizadas por parceiros locais, através de assessoria metodológica e técnica, fortalecendo a rede local através de intercâmbios e atividades conjuntas. O Forum Seca é o espaço principal da intervenção do PTA na elaboração de políticas públicas.

NÍVEL III - Rede PTA PE/PB

Objetivamos alimentar o interesse das pessoas e, instituições pela agroecologia e a pequena produção rural. Promover articulação, in

aqui que combinamos a relação da nossa intervenção no aspecto micro e macro.

Nossa estratégia privilegia também alguns temas onde buscamos uma especialização e aferição de nossa competência.

Temas metodológicos: comunicação e diagnóstico; temas técnicos: solos, agrossilvicultura, apicultura e sementes.

5. MAPEAMENTO DA INTERVENÇÃO DO PTA

I . PARCEIROS DO NÍVEL I

1 . MATA NORTE

A Zona da Mata Atlântica em Pernambuco.

Em Pernambuco, a Zona da Mata Atlântica forma uma faixa de cerca de 100 Km de largura que se estende na direção norte-sul, entre o litoral e a encosta oriental das serras do Agreste. Compreende as Micro regiões Mata Seca, Recife e Mata Úmida, bem como partes das Micro regiões Agreste Setentrional, Vale do Ipojuca e Agreste Meridional, numa superfície total de cerca de 15.000 Km².

O relevo varia desde a planície costeira até paisagens acidentadas atingindo 500 metros de altitude, passando por áreas suavemente onduladas. Devido a um clima quente e úmido, com uma elevada pluviosidade que oscila entre 1.000 e 2.000 mm anuais. Toda esta zona era originalmente coberta por uma floresta densa que se estendia desde os manguezais do litoral até aos brejos de altitude do Agreste.

A Zona da Mata Pernambucana foi a primeira região do Brasil a ser ocupada e povoada pela colonização européia. Nos anos iniciais, os colonos derrubaram a mata para a exploração extrativista do pau-brasil. Desde o século dezesseis foi introduzido o cultivo da cana-de-açúcar que se expandiu rapidamente por toda região.

Baseada durante 300 anos na exploração de mão-de-obra escrava e há um século no assalariamento rural, a monocultura da cana-de-açúcar continua até hoje a dominar a Mata Pernambucana, e teve ainda uma forte expansão nos últimos 20 anos. Paralelamente expandiram os coqueiros no litoral e a atividade pecuária na zona de transição para o Agreste. Ao longo da história, Recife, fundada nos primeiros anos da colonização, tornou-se a maior aglomeração urbana de Pernambuco e de todo o Nordeste.

Na zona canavieira, a pequena produção rural, baseada na policultura alimentar (roçado de milho, feijão, mandioca, inhame e batata doce, com algumas fruteiras em volta da casa) sobrevive precariamente, embora conquistando alguns espaços novos em áreas de assentamen

to. Resistiu melhor nos brejos do Agreste Setentrional, ameaçada, no entanto, pelo avanço da cana, das plantações de banana e das fazendas pecuárias.

A história da ocupação humana e da exploração econômica da Zona da Mata Pernambucana, desde o início da colonização europeia até hoje, é uma história de destruição da floresta. Estima-se que menos de 3% da área original sejam atualmente cobertos por matas naturais e secundárias.

A Zona da Mata Atlântica é de longe a área mais densamente povoada de Pernambuco. Só a Região Metropolitana de Recife, com 2,5% do território do Estado, abriga mais de 40% da sua população total. Mas também muitos municípios rurais das microregiões Mata Úmida, Mata Seca e Agreste Setentrional têm densidades demográficas de mais de 100 habitantes por quilômetro quadrado.

A estrutura fundiária é caracterizada pela dominação do latifúndio. Na Zona da Mata Pernambucana, as propriedades de mais de 100 até mais de mil hectares, cultivadas principalmente de cana-de-açúcar, ocupam cerca de 80% das terras agrícolas. A maioria dos pequenos produtores que exploram até 10 hectares (75% dos estabelecimentos agrícolas) ocupam menos de 6% da terra. Apenas em certos municípios do Agreste Setentrional é que os pequenos produtores detêm mais da metade da área agrícola total (dados do Censo Agropecuário 1985).

A Mata Norte e o trabalho desenvolvido pelo PTA

A Mata Norte é a porção da Zona da Mata que fica situada ao norte da cidade do Recife. Os agricultores atingidos pela intervenção do PTA são pequenos produtores organizados em grupos e/ou associações nos assentamentos de reforma agrária localizados nos municípios de Paulista, Abreu e Lima e Igarassu (vê mapa). Atualmente, os grupos trabalhados são:

Inhamã - Abreu e Lima

Pitanga - Abreu e Lima

Engenho Novo - Abreu e Lima

Caetés - Abreu e Lima

Na Mata Norte, o trabalho nos assentamentos foi iniciado em 1987 com um encontro de sensibilização e intercâmbio sobre agricultura alternativa. A conservação do solo, o controle de pragas, a produção de doces caseiros, a problemática da comercialização e a organização sindical foram temas de várias capacitações e treinamentos práticos nos anos seguintes.

Desde 1988, o enfoque principal do nosso trabalho na Mata Norte consiste na organização de grupos comunitários de apicultura, com o objetivo de diversificar a produção e complementar a renda dos agricultores nas áreas de assentamento. Atualmente, as comunidades já produzem mel, possuem uma estrutura organizativa bastante consolidada e dispõem do equipamento e material de trabalho necessário para um bom manejo dos apiários. Sentem a necessidade de conservar e plantar espécies melíferas nas suas unidades produtivas. Os primeiros apicultores, formados em cooperação com o Centro de Tecnologias Alternativas de Ouricuri-PE, contribuem na difusão e capacitação de novos grupos que vão surgindo em comunidades vizinhas.

No ano de 1993, o PTA avançou no trabalho com a agricultura, atendendo a uma demanda formulada anteriormente pelos apicultores. O trabalho está se dando nos temas manejo de solo, agrossilvicultura e diversificação de culturas, acompanhando de perto uma experiência de referência a partir da realização do D & D (Diagnóstico e Desenho) e através do acompanhamento (visitas periódicas) e atividades de capacitação (treinamento).

2 . BOM JARDIM

O Município e o STR

O Município de Bom Jardim fica localizado no Agreste Setentrional de Pernambuco, a 110 Km de Recife. Possui uma superfície de 294 Km² e uma população de cerca de 35.000 habitantes, o que corresponde a uma densidade de 119 pessoas por quilômetro quadrado. A grande maioria da população - cerca de 29.000, ou seja mais de 80% - vive na zona rural.

O clima de Bom Jardim é quente e úmido, com uma precipitação anual média de aproximadamente 1.000 mm. O município abrange vários agro

cossistemas, desde os brejos de altitude com relevos bastante acidentados no leste e norte até as zonas mais baixas e secas para o oeste.

A área agrícola do município - em volta de 18.000 hectares - está dividida em 5.500 estabelecimentos agropecuários. Destes, 96% são minifúndios com uma superfície até dez hectares ao máximo, mas uma área média em volta de dois hectares apenas. No seu conjunto, os pequenos produtores exploram um pouco mais de metade da terra agrícola total. A outra metade está ocupada pelos restantes 4% de estabelecimentos, de dimensões maiores.

Enquanto que os pequenos produtores praticam uma agricultura bastante intensiva e diversificada, que combina o roçado de culturas alimentares com o cultivo de verduras e fruteiras e com a criação de gado, as propriedades maiores apresentam-se sob a forma de plantações de cana-de-açúcar e de bananeiras, ou de fazendas de pecuária.

Mais do que noutras partes de Pernambuco, os pequenos produtores de Bom Jardim souberam resistir ao avanço da monocultura e à concentração da terra nas mãos dos usineiros e fazendeiros. Mas a atomização da terra em mini-parcelas, a baixa de fertilidade dos solos, a falta de condições de produção e a ausência de uma política agrícola adequada, tornam a vida dos camponeses extremamente precária e vulnerável.

Milhares de pessoas estão obrigados de emigrar, por períodos mais ou menos prolongados, ou mesmo de forma definitiva. Os homens de Bom Jardim trabalham na corte de cana e nas usinas da Mata Pernambu cana, na construção de prédios no Recife, e juntam-se aos milhões que afluem às periferias de São Paulo e Rio de Janeiro a procura de condições de sobrevivência.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim foi fundado em 1963. Durante os primeiros vinte anos da sua existência - que correspondem ao período da ditadura militar - a história do nosso Sindicalismo é marcada pela inatividade e pelo assistencialismo.

Em 1983, um grupo de jovens trabalhadores, decidido a romper com o passado, forma uma corrente de oposição e ganha a eleição sindical.

A nova diretoria aposta em transformar o Sindicato numa entidade de democrática, participativa e combativa.

A nova fase da história do STR de Bom Jardim começa com uma luta dura pela terra. Na Fazenda Paquevira, 96 trabalhadores são ameaçados de expulsão pela então proprietária da terra. A persistência, ao longo de três anos, dos trabalhadores e do Sindicato traz a vitória em 1986, com a desapropriação da área pelo INCRA. A partir daí, o STR cresce significativamente ao nível político e organizativo.

O STR de Bom Jardim faz parte do Polo Sindical de Surubim e da FETAPE, e está filiado à CUT. Tem cerca de 9.000 associados, dos quais 1.200 estão em dia. Praticamente todos os associados são pequenos produtores, na sua maioria proprietários ou posseiros, cultivando seu pedaço de terra com a ajuda da família.

O Trabalho do PTA em Bom Jardim

Há tempos, o STR sente a necessidade de dar respostas concretas aos problemas dos agricultores, na área de produção e comercialização, ou seja, enfrentamento de questões como degradação dos solos agrícolas, baixa produção das culturas alimentares, descapitalização dos produtores, migração dos jovens e condições de produção e vida dos trabalhadores rurais.

Para o conhecimento desta realidade de forma mais completa, o PTA e o STR realizou um diagnóstico da pequena produção rural no município. A pesquisa foi realizada em três comunidades rurais com uma boa base organizativa, representativas dos diferentes agroecossistemas existentes e contando com a participação ativa de lideranças comunitárias e jovens agricultores. São as comunidades de Paquevira, Altos e Umari.

A partir deste diagnóstico foi elaborado um programa de intervenção para estas comunidades definindo temas prioritários, acompanhamento sistemático e atividades de capacitação e com o objetivo tanto de construir unidades de referências como para enfrentar as questões problemáticas levantadas pelo diagnóstico. Estas atividades são executadas pelos técnicos do PTA juntamente com um diretor liberado pelo STR para trabalhar especificamente neste programa.

II. PARCEIROS DO NÍVEL II

Os parceiros que fazem parte deste nível são: o Sertão Central de PE, Sertão da PB e o Forum Seca. Todos eles têm intervenção e relação com a zona semi-árida nordestina, daí ser importante uma breve caracterização geral desta zona, antes da descrição dos aspectos específicos de cada parceiro.

A zona semi-árida ocupa uma área de 1,2 milhão de Km² (80% da região Nordeste) onde vivem 12 milhões de habitantes, sendo boa parte deles na área rural (51%). O clima varia de árido a semi-árido com uma precipitação variável, mas sendo comum uma média de chuvas em torno de 500 mm. Ocorre uma farta radiação solar, onde as temperaturas médias estão acima de 25°C e que no auge do verão, a evaporação consome 14 litros de água por metro quadrado. O latifúndio predomina na paisagem agrária onde 09% das propriedades concentram 73% da terra, com 68% das terras pertencendo a uma fatia de 5% dos proprietários mais ricos, enquanto que os 50% mais pobres têm apenas 21%. A renda per capita é inferior a US\$ 600/ano sendo que nos anos 70, a agricultura participava com 20,8% do PIB agrícola brasileiro e em 1985 essa participação havia recuado para 19% e não se recuperou mais. Daí a necessidade de importar entre 50% e 70% dos alimentos consumidos.

1. SERTÃO CENTRAL DE PE

Os parceiros do Sertão Central de PE são Sindicatos de Trabalhadores Rurais. A princípio, a relação de cooperação do PTA se deu com o Pólo Sindical que reúne 13 sindicatos (Serra Talhada, Triunfo, Flores, Betânia, São José de Belmonte, Custódia, Serrita, Cedro, Terra Nova, Verdejante, Mirandiba, Calumbi e Salgueiro), através de eventos que foram coordenados pelo PTA juntamente com a comissão de T.A. do Polo. De acordo com as potencialidades de retorno e de sensibilização em relação ao trabalho com agricultura alternativa, alguns municípios foram priorizados nesta intervenção.

O público contemplado nesta intervenção do PTA engloba dirigentes sindicais, agricultores(as) e técnicos que trabalham diretamente com estes sindicatos. Os aspectos enfrentados tiveram uma amplitude temática que gerou uma necessidade de ser afunilada para programas mais

Atualmente, com a definição de prioridade de áreas e temas, o PTA basicamente trabalha com os sindicatos de Triunfo, São José de Belmonte e Serra Talhada (vê mapa), ficando secundarizados as atividades a nível de pólo. Os temas mais trabalhados são solos e agrossilvicultura, diversificação de cultura e sementes.

2. SERTÃO DA PARAÍBA

Os parceiros do sertão paraibano são ONG's, equipes pastorais e técnicos que desde o ano de 1986 mantêm uma cooperação com o PTA, através de visitas, atividades de sensibilização e capacitação no sentido de formar uma rede a nível regional. Os primeiros foram de Catolé do Rocha e Patos e a partir destes, houve uma ampliação para os atuais. O trabalho valorizou muito o resgate de experiências através de sistematizações e da difusão de técnicas de melhoramento e conservação de solos.

A partir de 1991, o trabalho ficou mais específico com estes parceiros e houve uma ampliação do público para estudantes e professores e com um investimento maior para o fortalecimento da rede. Os parceiros desta rede (vê no mapa) são SEAPAS - Serviço de Apoio às Práticas Alternativas do Sertão (Catolé do Rocha), MUP - Movimento Universidade Popular (Patos), PROPAC - Programa de Ação Comunitária (Patos), AMMENCAR - Associação de Amparo ao Menor Carente (Princesa Isabel) e CEPFS - Centro de Educação Popular e Formação Sindical (Teixeira). É importante frisar que o SEAPAS tem uma prioridade dentro desta rede e que os temas trabalhados atualmente são metodologia de intervenção, sementes e agrossilvicultura.

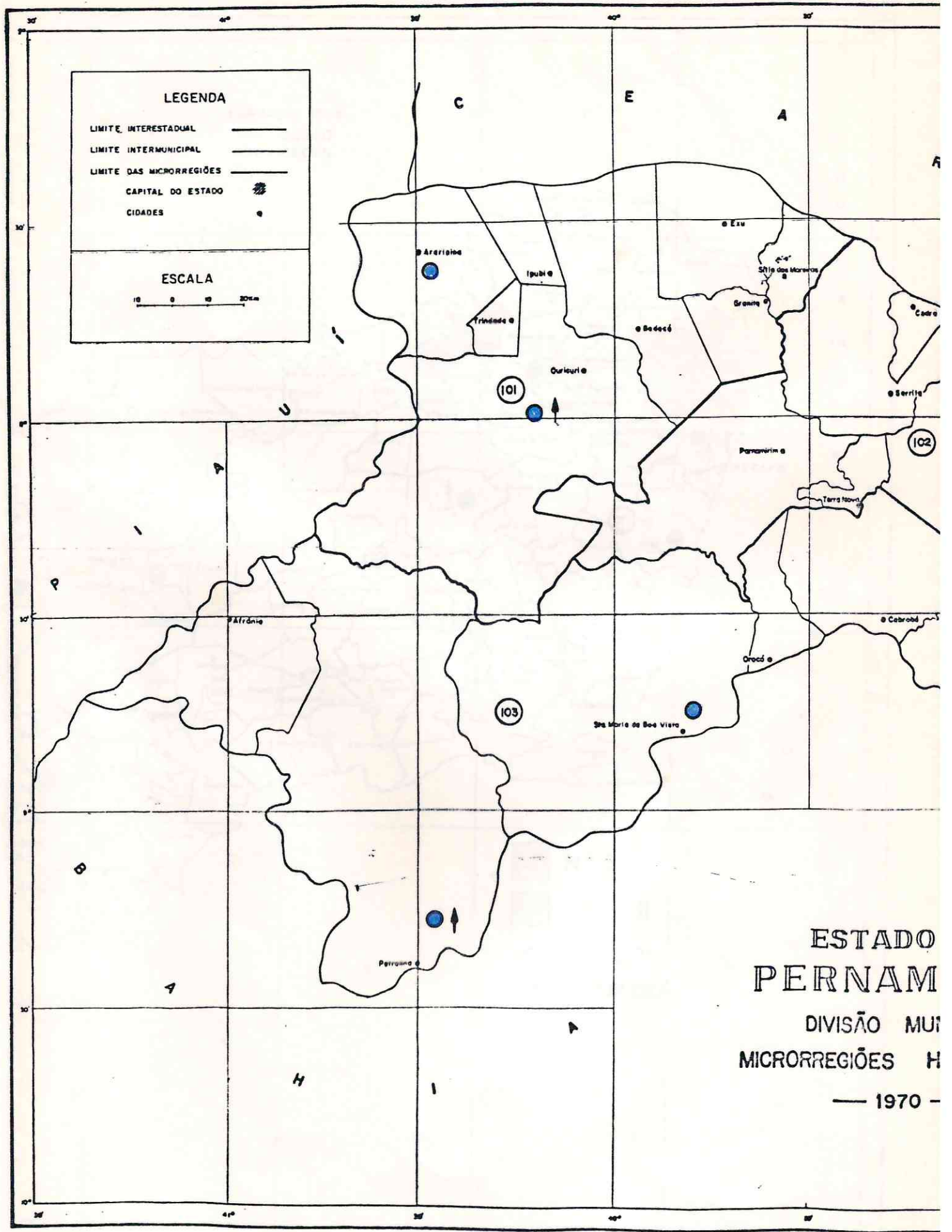
3. FORUM SECA

O Forum Seca é um colegiado de entidades e pessoas representativas de diversos setores da sociedade (movimento sindical, pastorais, ONG's e técnicos de órgãos públicos) totalizando um número de 36, distribuídas por todo Estado (vê mapa) e sendo coordenado por cinco destas entidades, dentre as quais está o PTA. O Forum nasceu a partir de um seminário promovido pelo PTA em agosto de 1990 e o lançamento público foi em maio de 1992, em Serra Talhada/PE. O Forum Seca tem com objetivo enfrentar a problemática da seca de forma permanente e construir um projeto alternativa para o semi-árido pernambucano. As outras entidades que fazem parte da coordenação são

III. PARCEIROS DO NÍVEL III

Estes parceiros são denominados elementos-chave e constituem a Rede de Intercâmbio de Pernambuco e Paraíba (inclusive com os dos níveis I e II). A Rede de Intercâmbio foi originalmente o público trabalhado pelo PTA quando não havia níveis de prioridades definidos, daí que engloba categorias diferenciadas e representativas dos três ecossistemas (mata, agreste e sertão). As atividades desenvolvidas para este público são de capacitação, articulação/intercâmbio, acompanhamento e circulação de documentos e de materiais de comunicação.

Atualmente, a composição da Rede de Intercâmbio totaliza 57 elementos-chaves assim distribuídos (vê mapa): 31 ONG's, 15 entidades de representação (sindical, associativas, estudantis e de mulheres), 07 de órgãos públicos, 03 agências e 01 forum.

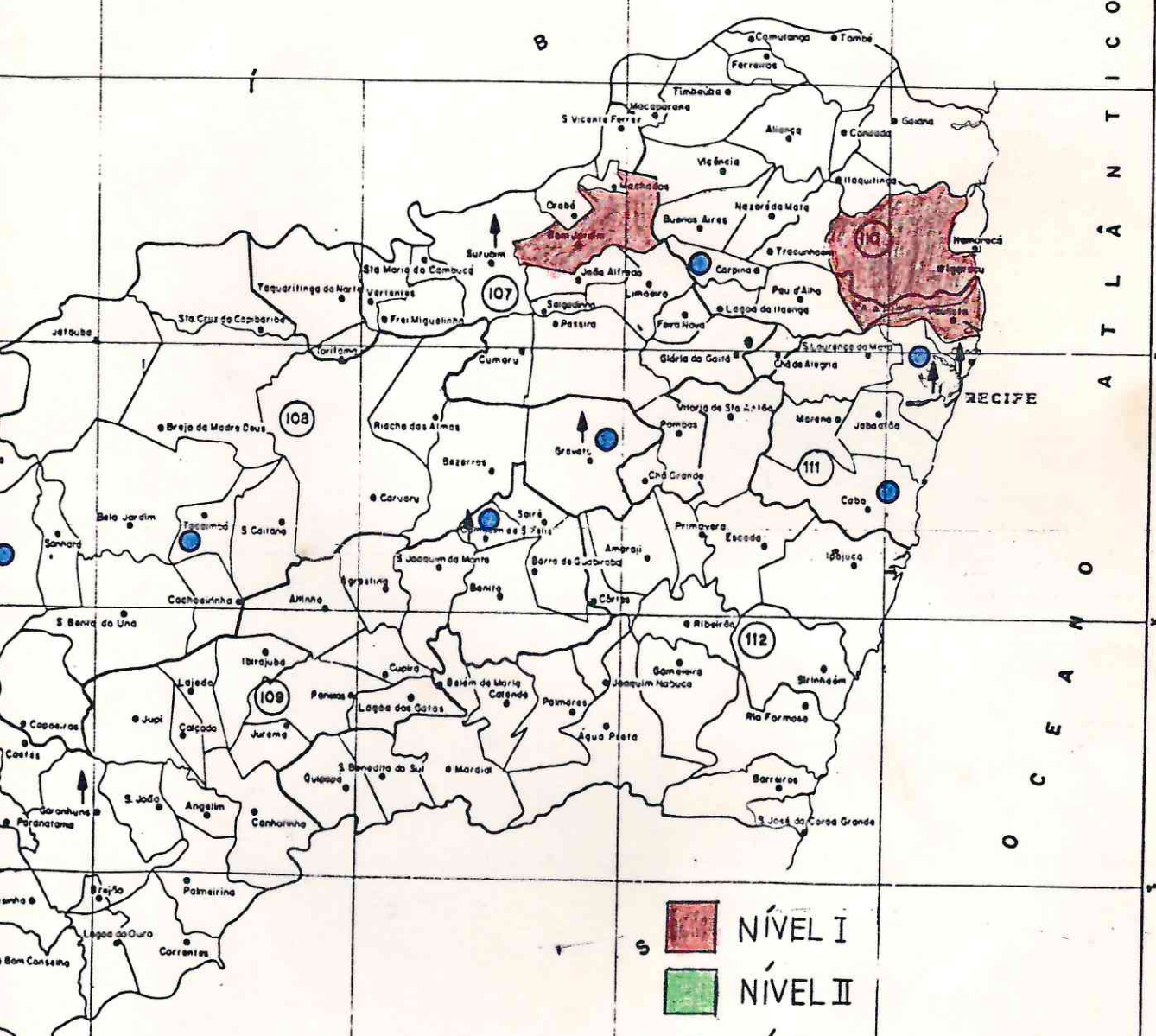






FUNDAÇÃO IBGE
IBG - DEGEO
IBE - DECEM

A

A T L Â N T I C O

O C E A N O



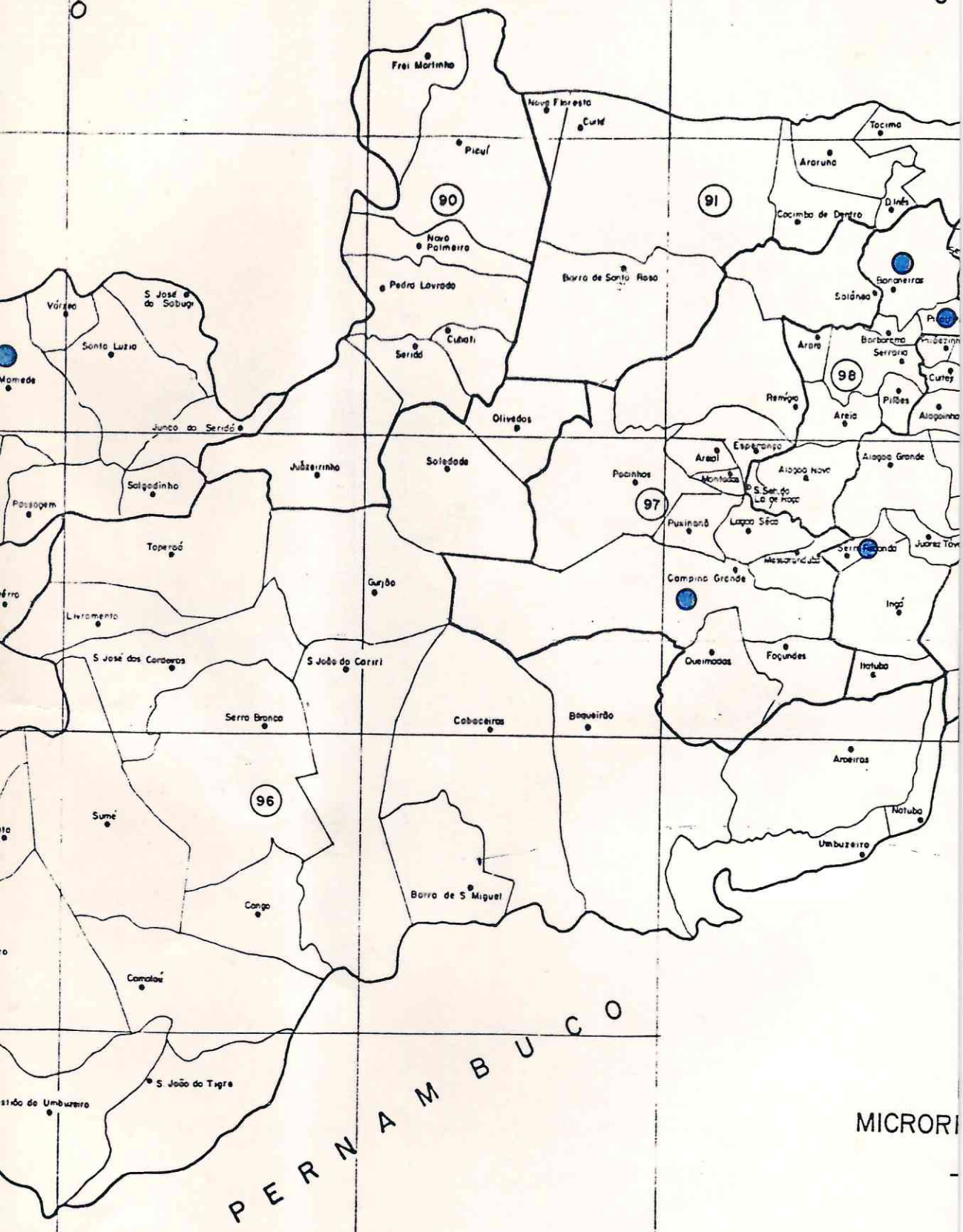
-  NÍVEL I
-  NÍVEL II
-  NÍVEL III
-  FORUM SECA

G

O

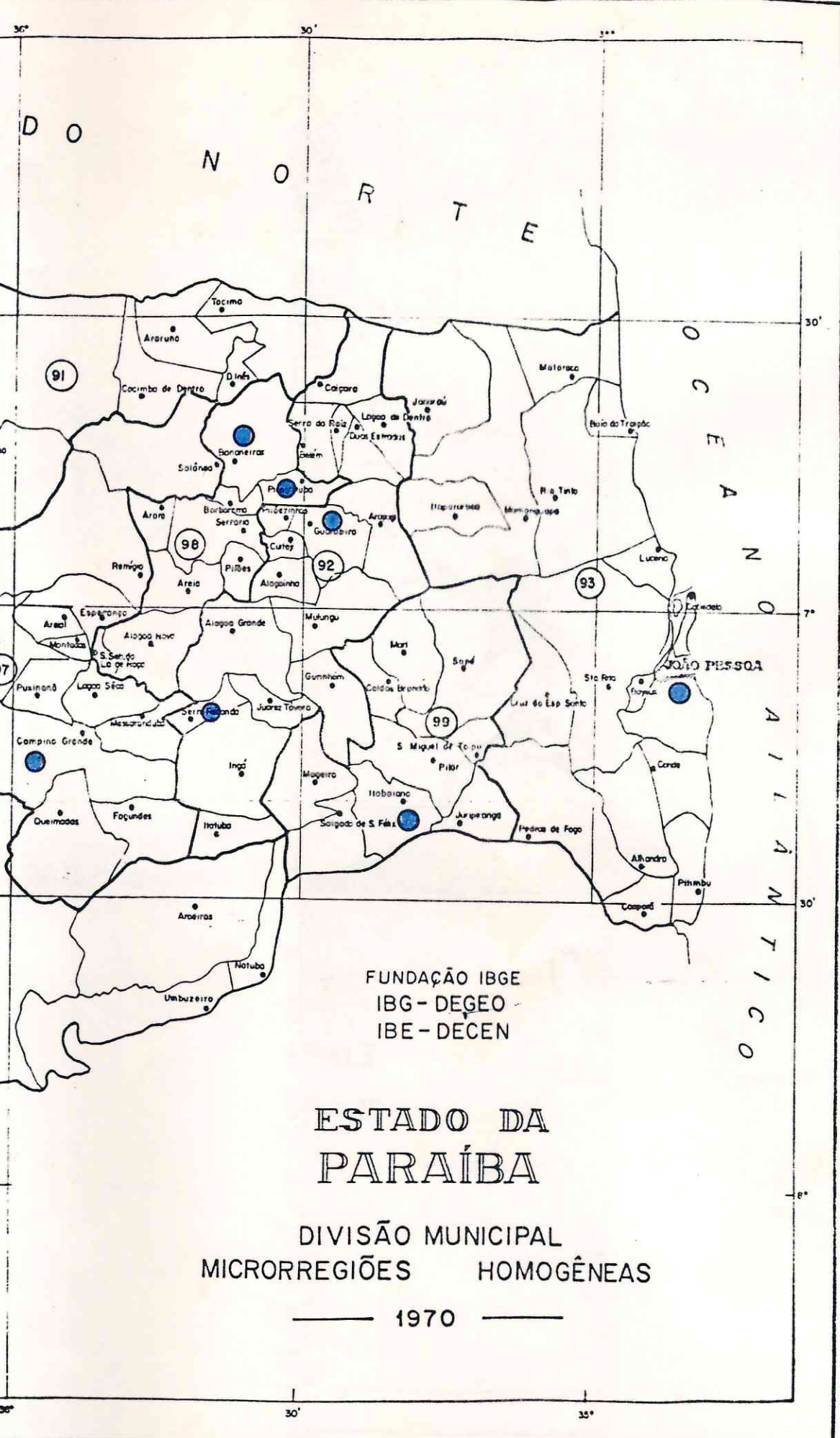
A

R I O G R A N D E D O N O



P E R N A M B U C O

MICROR



6. FUNCIONAMENTO INTERNO DO PROJETO TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS PE/PB

6.1. Avaliação/Planejamento/Acompanhamento do Trabalho

A Equipe realiza um Seminário de Avaliação e Planejamento Anual, estruturado da seguinte forma: uma semana de avaliação, definindo alguns indicadores para o planejamento; duas semanas para viagens e reuniões com os parceiros do nível I e II; uma semana para o planejamento definitivo.

Uma vez por mês, a Equipe realiza um seminário para aprofundar um dos programas ou temas, e fazer ajustes no planejamento do mês subsequente.

Semanalmente, realizamos uma reunião de meio expediente para socializar problemas, discutir alternativas, tomar decisões, (re) dividir tarefas.

Quando necessário, o coordenador do PTA reúne-se com cada técnico para orientar o seu campo de atuação, assim como há reuniões bilaterais entre técnicos responsáveis por tarefas que se interrelacionam e complementam-se.

Esse sistema funciona com algumas alterações na periodicidade, em função das viagens, das demandas institucionais ou de imprevistos.

O desenvolvimento do trabalho orienta-se pela estratégia, composta por níveis de intervenção e pela priorização de temáticas. Estas são especializações em construção, trabalhadas no geral pela Equipe, mas aprofundada por cada técnico responsável por uma determinada temática (apicultura, solos, agrossilvicultura, sementes, comunicação e diagnóstico).

6.2. Representação

Nossa representação enquanto Projeto é feita pelo coordenador e compartilhada por qualquer um dos técnicos quando assim se faz necessário e combinado na Equipe. Nesse sentido, temos vários níveis de representação tal como Conselho Diretor, Forum Seca, Forum PTA Nordeste, Rede PTA Nacional.

6.3. Registro do Trabalho

Temos uma ata para as reuniões semanais. Elaboramos um relatório da avaliação e planejamento anual. Nos seminários mensais temos feito um relatório quando a pauta sugere tal necessidade.

Das atividades fora do escritório temos uma ficha para "relato interno", ou fazemos um relatório específico. Nessas atividades fazemos registro fotográfico.

6.4. Administração dos Recursos

Definimos uma secretaria executiva dentro do PTA para dividir o conjunto de tarefas antes só do coordenador. Essa Secretaria Executiva é assumida por um técnico que coordena, orienta e encaminha demandas no campo administrativo a serem realizadas pela secretaria. Nesse campo temos previsão de gastos gerais e das viagens, prestação de contas, aquisição material de escritório e outros, acompanhamento das despesas por rubricas, preparação do material base para o relatório financeiro, etc.

6.5. Sistema de Controle Interno do Trabalho

Considerando a natureza desse trabalho, com atividades de escritório e de campo, definimos alguns procedimentos para a Equipe PTA. Para administrar a jornada de trabalho com as diferentes atividades, introduzimos o "Livro de Ponto", que possibilita-nos computar nossa jornada excedente e planejar compensações com folgas, que não deverá ser por um período longo, salvo combinado na Equipe.

6.6. Política Salarial

No seu surgimento, o PTA PE/PB fazia parte da estrutura administrativa PTA/FASE, no Rio de Janeiro. Sendo assim, participava da política salarial do PTA Nacional, enquanto o CJC era entidade repassadora dos recursos.

Com a mudança de estrutura do PTA Nacional e com a dissociação das entidades/equipes da administração, o PTA PE/PB, em 1989 definiu um mínimo de política salarial.

Essa política matem-se até hoje, baseando-se no salário mínimo, nas jornadas de trabalho, na formação escolar, na função e no tempo de serviço no Projeto.

6.7. Fluxo de Informação

As reuniões semanais e mensais são espaços privilegiados para socializarmos informações. A dinâmica semanal tem contribuído muito para a Equipe perceber o conjunto e as partes do trabalho. É nessas reuniões que respondemos as cartas e tomamos decisões do cotidiano.

As informações que chegam ao escritório são catalogadas e en caminhadas pela documentalista ao técnico mais ligado ao assunto. Assim como a Equipe técnica seleciona informações para serem circuladas en tre os parceiros.

As informações do CJC nos chegam através de comunicados in ternos ou nas reuniões do Conselho Diretor, do qual participa o coorde nador do PTA ou outro técnico em substituição eventual.

Recife, 02.06.92

RESGATE HISTÓRICO DO PTA - REDE DE INTERCÂMBIO PE/PB DO CJC (1984 a 1990)

DATAS	ATIVIDADES	PARTICIPAÇÃO	ORGANIZAÇÃO	LOCAL
1983	Encontro Nacional de Tecnologias Alternativas Início da formação do PTA	Lideranças Sindicais, técnicos ligados ONG's e OG's.	FASE-RJ	Campinas-SO
1984	O PTA Nacional (Programa anexo e FASE) Faz convênios para iniciar o trabalho a nível dos Estados. Em PE/PB foi escolhido o CJC. Estruturação do trabalho: viagens p/fazer, reuniões e visitas a entidades em diversas cidades dos Estados de PE e PB, com a finalidade de sensibilizar pessoas e instituições sobre a importância das Tecnologias Alternativas	Coordenação Nacional, PTA e Diretoria CJC Articulador do PTA em PE/PB (Marcos)	- PTA	Recife-PE PE e PB
1985	Preparação e realização de um seminário interestadual PE e PB para troca de experiências, em agricultura alternativa Encontro de intercâmbio em tecnologias alternativas para agricultura Viagens para visitas e contatos (48)	73 pessoas, representando 65 entidades (ONG's, Mov. Sindical e Igreja). Pre-sença também de técnicos do OG's. 28 pessoas (peq. produtores, Ag.pastorais e técnicos) Comunidades rurais, técnicos, sindicatos, paróquias, entidades de assessoria, órgãos governamentais e de apoio financeiro.	PTA Paróquia Tabira e PTA PTA	Camaraçibe- Comunidade Solidão-PE Estado de F
1986	Elaboração do 1º Projeto do PTA PE/PB, aprovado pela ICCO. Formação de uma equipe: dois técnicos e uma secretária Concepção e implantação da estratégia de Rede de Intercâmbio em Tecnologias Alternativas em PE/PB Elementos e experiências alternativas identificadas: 358 e 440 respectivamente	Articulador do PTA (Marcos) - Equipe PTA (Marcos e Pablo)	PTA PTA PTA	Recife-PE Recife-PE PE/PB
		Comunidades rurais, sindicatos, paróquias entidades de assessoria e técnicos governamentais	PTA	Estados de

DATAS	ATIVIDADES	PARTICIPAÇÃO	ORGANIZAÇÃO	LOCAL
1986	Experiências sistematizadas (16)	Comunidades rurais, sindicatos, paróquias entidades de assessoria e técnicos governamentais	PTA	Estados de
	Encontro regional para intercâmbio de experiências em T.A. para agricultura	35 pessoas (peq. produtores e técnicos)	PTA, FASE, P.M. Angelim, STR de Paranatama e Eq. de Saúde da diocese Garanhuns, participação CTA-0.	Garanhuns-
1987	Encontro regional para intercâmbio de experiências em T.A. para agricultura	51 pessoas (representantes de STR's, comunidades e técnicos)	PTA e Polo Sindical Pajeú	Afogados de zeira (II pios)
	Circulação de cartas (11) apresentado materiais de difusão	Elementos-chave, peq. produtores, técnicos e entidades	PTA	PE e PB
	Cooperação com o CTA-0 para participar de encontros e cursos para comunidades rurais	Equipe do PTA e do CTA-0	PTA/CTA-0	PE e PB
	2 cursos sobre: horta e pomar alternativos, e criação de peq. animais	90 representantes de comunidades rurais, participação do CTA-0	PTA, SEDUP, PROCEP, e representante de paróquia	Bananeiras queirão-PB
	Formação e acompanhamento de comissões de T.A. (4) a nível dos polos sindicais com o objetivo de sensibilizar e introduzir a discussão sobre agricultura alternativas junto ao movimento sindical.	9 militantes do movimento sindical, agentes pastorais e técnicos.	PTA Polo Sindical Pajeú, Agreste Meridional, Sertão Central e Mata Norte	Afogados de zeira, Garanhuns Talhada e Lima
1988	21 atividades foram organizadas pela comissões regionais de T.A. -(treinamentos de campo, visitas a experiências programas de rádios (5 minutos por semana), etc.)	Cerca de 160 pessoas atingidas diretamente	Comissões Regionais	Agreste Meridional de PE
	Elaboração do 2º Projeto do PTA PE/PB, aprovado pela ICCO	Equipe (Pablo, Marcos)	PTA	Recife/PE
	Ampliação da Equipe PTA PE/PB (contratação 2 agrônomos)	Equipe PTA	PTA	Recife/PE
	Encontro de entidades da Rede PTA NE (preparatório ao Encontro Nacional)	Equipe da Rede PTA NE	Coord. Regional PTA	Salvador/BA

DATAS	ATIVIDADES	PARTICIPAÇÃO	ORGANIZAÇÃO	LOCAL
1988	<p>Encontro (Encontro) Nacional da Rede PTA. Participação de cerca de 100 pessoas para debater sobre concepção de agroecologia, pequena produção, reformulação do PTA.</p> <p>Experiências sistematizadas (27) em tecnologias alternativas para agricultura e pecuária</p> <p>6 cursos e treinamentos para pequenos produtores rurais realizados em comunidades rurais (4 de apicultura, 1 criação de pe- quenos animais e 1 de beneficiamento caseiro de frutas)</p> <p>3 encontros regionais para intercâmbio de experiências em T.As.</p> <p>4 eventos de repasse entre agricultores (treinamentos de conservação de solos e tração animal)</p> <p>2 visitas de intercâmbio com o CTA-0</p> <p>6 cursos de capacitação de profissionais (introdução ag. alternativas(2), manejo ecológico de solos, controle fitossanitário, sistemas agrícolas e controle biológico de pragas)</p>	<p>Equipe da Rede PTA Nacional</p> <p>Comunidades rurais, STR's, entidades de assessoria e paróquias</p> <p>115 pessoas representantes, grupos de produtores e STR's.</p> <p>95 produtores e técnicos</p> <p>208 produtores, agentes pastorais, técnicos e sindicalista</p> <p>14 pessoas</p> <p>133 profissionais e estudantes</p>	<p>PTA Nacional</p> <p>PTA</p> <p>PTA, Comissoes de T.As. e ONG's locais</p> <p>PTA</p> <p>Polo Sindical, PATAC, PROCEP, SEDUP, EDUCAR, AMAS e PTA</p> <p>Comissões T.As do Ser- tão Pajeú, Central e PTA</p> <p>Comissão T.A. do Ser- tão Pajeú, Mata Nor- te e ONG's</p> <p>PTA</p> <p>PTA Nacional</p>	<p>Rio de Ja</p> <p>Estados PI</p> <p>Igarassu- tanga), C Af. da Ing Serra Tali Bananeira:</p> <p>Serra Tali goa Seca/ rassu/PE</p> <p>Tabira(2) e São Jos</p> <p>Ouricuri/f</p> <p>Recife, C Caruaru e</p>
1989	<p>Mudança da estrutura da Rede PTA Nacional. Autonomia para equipes de Salvador, Espírito Santo, Ouricuri e desligamento da coordenação nacional do PTA da FASE-RJ</p> <p>Formação de Novas Entidades (AS-PTA, SASOP, CAATINGA, APTA) que compõem a Rede PTA Nacional</p> <p>Até este tinham sido identificadas 795 experiências e sistematizadas 61</p>	<p>Rede PTA Nacional</p> <p>Rede PTA Nacional</p> <p>Comunidades, STR's, Paróquias e ONG's.</p>	<p>PTA Nacional</p> <p>-</p> <p>PTA</p>	<p>-</p> <p>-</p> <p>Estados PE</p>

DATAS	ATIVIDADES	PARTICIPAÇÃO	ORGANIZAÇÃO	LOCAL
1989	<p>12 pequenos cursos e treinamentos para agricultores (apicultura (4), manejo de solo (3), pequenos animais (3), horticultura (1) e beneficiamento de frutas (1))</p> <p>4 eventos de repasse entre agricultores</p> <p>2 encontros regionais para intercâmbio (comercialização e agricultura alternativa)</p> <p>1 encontro interestadual (comunicação rural)</p> <p>4 eventos para capacitação de profissionais</p> <p>Articulação de elementos da Rede para visitas (3) e cursos (2) na CAATINGA - CTA-0</p>	<p>213 pessoas de comunidades STR's, Paróquias e ONG's</p> <p>40 pessoas</p> <p>45 produtores e técnicos</p> <p>30 pessoas (técnicos e produtores)</p> <p>66 técnicos e lideranças rurais</p> <p>37 pessoas (SEDUP, CENTRU, SEAPAS, Equipe Fitoterapia, STR Itapetim, Polo Sindical do Pajeú e comissão T.A. da Mata Norte)</p> <p>Equipe</p> <p>Equipe</p>	<p>AMAS, CPT, Polo Sind., Sertão Central e Pajeú PROCEP, SEAPAS, CEDAPP, STR, Clube de mães e PTA</p> <p>Polo Sindical do Sertão Central, Pajeú (2), Grupo de Apicultores da Mata Norte</p> <p>CPT, AMAS, Polo Sind. do Sertão Pajeú e PTA</p> <p>Sapé, PTA-RJ e PTA PE/PB</p> <p>PTA</p> <p>PTA/CAATINGA</p> <p>-</p> <p>PTA</p>	<p>Interior d</p> <p>"</p> <p>Olinda e A gazeira/PE</p> <p>Recife-PE</p> <p>Recife(2) (e Lagoa Ser</p> <p>Ouricuri/Pt</p> <p>Recife/PE</p> <p>Recife/PE</p>
1990	<p>Revisão da proposta da Rede de Intercâmbio</p> <p>Redução da Equipe técnica. Início da redefinição da estratégia de Rede, com a introdução de áreas e temas priorizados.</p> <p>Início da formação da atual equipe</p>	<p>Equipe</p> <p>Equipe</p>	<p>-</p> <p>PTA</p>	<p>Recife/PE</p> <p>Recife/PE</p>

2 - QUADRO RESUMO DA INTERVENÇÃO DO PTA PE/PB (1990-93)

LINHAS DE ATUAÇÃO	CAPACITAÇÃO		ARTICULAÇÃO/INTERCÂMBIO		ACOMPANHAMENTO		EXPERIMENTAÇÃO		DIAGNÓSTICO		FOMENTO		COMUNICAÇÃO
	Nº de Eventos	Nº de participações	Nº de Atividades	Nº de Participações	Nº de Pessoas atingidas	Nº de Experimentos	Nº de participações	Tipo	Abraçãogência	Nº Empresas	Valor (Litros Mel)	Instrumentos utilizados	
MATA NORTE	8	84	12	120	86	15	4	3	D & D	2 UP	4	141	Boletim Calendário Album Sertão Cartilha, vídeo
BOM JARDIM (1992)	7	165	2	28	26	48	3	18	DRPA	Municipal 3 Comunidades	1	4	Boletim Calendário Audiovisual Cartilha, vídeo
SERTÃO CENTRAL	9	169	17	197	10	20	2	18	-	-	1	5	Boletim Calendário Audiovisual Cartilha
SERTÃO PB (1992)	3	52	4	30	9	25	1	8	-	-	-	-	Boletim Calendário Cartilha
FORUM SECA	-	-	39	410	-	-	-	-	-	-	-	-	Boletim Calendário
REDE PE / PB	4	113	17	60	7	11	-	-	-	-	-	-	Boletim Calendário Audiovisual, vídeo Cartilha, Catálogo
TOTAL	31	583	90	845	138	119	10	42	2	-	6	150	24 produções

D T N T

SISTEMATIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO PTA PE/PB - CJC

3 MATA NORTE - PE

Antecedentes: O trabalho iniciou-se em 1987 com eventos de sensibilização sobre t.as. Em 1988, iniciou-se a difusão da apicultura e Pitanga), em cooperação com a CPT e a AMAS. O trabalho do PTA na Mata Norte é realizado em áreas de assentamentos de pequenos res, numa zona caracterizada pela monocultura da cana-de-açúcar, dentro da região metropolitana do Recife, tentando viabilizar a alimentar para o auto-consumo e o excedente para o mercado local. A apicultura tem destaque como uma atividade capaz de melhorar a do pequeno produtor e também as condições do meio ambiente. Nesta área, não há uma relação de cooperação com STR local, que mostra atuante. A articulação é diretamente com os grupos de apicultores. Através dos resultados obtidos na apicultura e com a demanda p dos agricultores, iniciamos um trabalho de agricultura a partir do diagnóstico em 02 propriedades rurais e definição de 01 proprie mo unidade de experiência de referência. Na estratégia do PTA, o trabalho na Mata Norte está definido como prioridade do nível I vengão direta junto aos agricultores e acompanhamento de experiência de referência).

Programa de Apicultura

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
1. Capacitação	nº e tipo de eventos temáticas público nº de participantes duração metodologia continuidade/acúmulo adoção dos conteúdos repercussão	06 treinamentos, 01 curso e 01 mutirão. Apicultura: práticas de manejo, instalação do apiário localização, confecção de colmeias do apiário, sub-produtos das abelhas. Apicultores, agricultores(as), lideranças comunitárias. Média de 09 pessoas por cada evento. 01 dia p/cada evento. Trabalho teórico associado a parte prática. Elaboração de planejamento anual e definição de programa de capacitação, a nível de grupo conjunto dos grupos Realização do trabalho prático a partir da realização dos eventos. Formação de apicultores capacitados e agentes difusores, formação de grupo de mulheres: grupo de renda, execução na prática do que foi aplicado.
2. Articulação/Intercâmbio	nº e tipo de atividade público duração temas continuidade	05 encontros; 01 seminário e 04 reuniões. Pequenos produtores(as), apicultores e lideranças comunitárias. Entre 01 e 03 dias para cada evento. Avaliação e planejamento; apicultura; comercialização agrícola; comercialização apícola; produção de renda; produção de renda; sensibilização. Todas as atividades estão incluídas dentro do planejamento realizado entre os grupos em função das prioridades temáticas e a estratégia do PTA.

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
3. Acompanhamento	<p>repercussão</p> <p>propostas técnicas</p> <p>nº e tipo de experiências público</p> <p>frequência</p> <p>desenvolvimento e acúmulo de conhecimento</p> <p>potencial multiplicador</p> <p>repercussão</p> <p>público</p> <p>nº de participantes</p> <p>nº de unidades de produção</p> <p>nº e tipo de experimento</p> <p>metodologia</p> <p>sistematização</p> <p>duração</p> <p>impacto na produção</p> <p>impacto no meio ambiente</p> <p>difusão</p> <p>repercussão</p>	<p>Confeção do rótulo do mel, definição de critérios para o apoio financeiro aos grupos, mento de outros produtos das abelhas além do mel. Os grupos de apicultores a partir dos realizados definiram se articular de forma que os grupos mais antigos possam contribuir da dos grupos mais novos, através do empréstimo de materiais, capacitação, doação de alças, etc.</p> <p>Apicultura quanto a questão de preservação do meio ambiente e como fonte de renda para rurais.</p> <p>04 grupos de criação de abelhas (Inhamã, Engenho Novo, Caetés e Pitanga).</p> <p>Apicultores</p> <p>Visita 02 vezes por mês a cada grupo de apicultores.</p> <p>Definição da sistemática do acompanhamento aos grupos de apicultores.</p> <p>Melhor organização interna dos grupos.</p> <p>Apicultores serem repassadores das experiências e a existência de experiências consorciadas para outros grupos.</p> <p>Maior interesse pela prática da apicultura nas comunidades; consolidação da apicultura rural.</p> <p>Apicultores organizados em grupo</p> <p>03 pessoas</p> <p>02 propriedade (02 apiários)</p> <p>02 - produção de rainha; colméias de lata.</p> <p>Trabalho em grupo com práticas de campo e observações</p> <p>Ficha e pequeno relato.</p> <p>Fevereiro/93 a maio/93</p> <p>Aumento da produção de mel/melhoria da produção agrícola.</p> <p>Conservação da vegetação existente, interesse pela introdução de espécies melíferas.</p> <p>Introdução da discussão nos outros grupos.</p> <p>Acompanhamento regular aos apiários, participação mais ativa dos apicultores, introdução de novas técnicas que possa melhorar a produção.</p>
4. Experimentação		

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
5. Fomento	nº de empréstimos valor público nº de participantes tipo de investimento devolução	04 empréstimos 96 litros de mel; 05 litros de mel; 05 litros de mel; 35 litros de mel. Famílias de pequenos produtores, organizadas em grupo de apicultores. 11 famílias 02 casas de mel; 01 centrífuga; 02 macacões; 01 cilindro alveolador. Devolução já efetuada ; em processo de devolução; em processo de devolução; a devolu foi iniciada, respectivamente.
5. Documentação	utilidades dos programas do PTA tipo e quantidade de registro do trabalho	Capacitação e sensibilização de agricultores; difusão das experiências; circulação d técnicas. Relatórios; fichas; fotografias e caderno de anotações.

Programa de Agricultura

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
1. Capacitação	nº e tipo de evento temática público nº de participantes duração metodologia sistematização continuidade/acúmulo adoção dos conteúdos repercussão	01 curso, 01 treinamento Solos e pragas, adubação orgânica Agricultores e técnicos Média de 15 pessoas para evento 01 a 02 dias de duração Discussão em grupo e prática de campo. Pequenos resumos e fichas Planejamento de treinamentos para o semestre a partir do diagnóstico. práticas realizadas numa propriedade de um agricultor na comunidade de Inhamã. Compromisso dos agricultores em colocar em prática o que foi aprendido nos eventos.

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
2. Acompanhamento	<p>nº e tipo de experiência público</p> <p>frequência</p> <p>desenvolvimento e acúmulo de conhecimentos</p> <p>potencial multiplicador</p> <p>repercussão</p> <p>público</p> <p>nº de participantes</p> <p>nº de unidade de produção</p> <p>nº e tipo de experimentos</p> <p>metodologia</p> <p>sistematização</p> <p>duração</p> <p>impacto na produção</p> <p>impacto no meio ambiente</p> <p>difusão</p> <p>repercussão</p> <p>propostas técnicas</p> <p>público</p> <p>nº de participantes</p> <p>duração</p> <p>participação</p>	<p>01 unidade de produção como referência das experiências em agricultura.</p> <p>01 agricultor em sua propriedade:</p> <p>02 vezes por mês.</p> <p>Experiência localizada quanto agricultura. Assimilação e reprodução das experiências por.</p> <p>A partir dos resultados a perspectiva é a multiplicação para outros agricultores. Experiências em processo de concretização (resultados).</p> <p>01 produtor rural</p> <p>01 pessoa</p> <p>01 propriedade</p> <p>Minhocário; composto orgânico; introdução de leguminosas e práticas de conservação do ; Trabalho de campo junto com os agricultores.</p> <p>Fichas</p> <p>Início 04/93.</p> <p>Experiências propicia a fertilização do solo a custo reduzido.</p> <p>Reciclagem e aproveitamento dos materiais orgânicos.</p> <p>Os experimentos são recentes para serem difundidos.</p> <p>Assimilada dos conteúdos e práticas executadas pelo agricultor.</p> <p>Minhocário, composto orgânico, adubação verde e diversificação.</p> <p>Apicultores e técnicos</p> <p>09 pessoas</p> <p>03 dias - a partir do levantamento até a elaboração do planejamento.</p> <p>A metodologia utilizada favorecem a participação dos agricultores tanto no levantamento elaboração das propostas e do cronograma de atividades.</p>
3. Experimentação		
4. Diagnóstico		

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
5. Fomento	<p>construção e validação do método</p> <p>desdobramentos práticos</p> <p>repercussão</p> <p>nº de empréstimos</p> <p>valor público</p> <p>nº de participantes</p> <p>tipo de investimento</p> <p>devolução</p>	<p>O método utilizado apresentou ser rápido e participativo favorecendo a intervenção de concreta.</p> <p>Elaboração de planejamento de treinamentos sobre agricultura.</p> <p>Identificação dos problemas existentes. Definição de programa de atividades.</p> <p>01 empréstimo</p> <p>04 litros de mel</p> <p>Agricultor</p> <p>01 pessoa</p> <p>01 minhocário de alvenaria</p> <p>Em andamento</p>
5. Documentação	<p>utilidade aos programas do PTA</p> <p>tipo e quantidade de registro do trabalho</p> <p>nº e tipo de instrumento público</p> <p>fonte de informação</p> <p>retroalimentação</p> <p>nº e tipo de informação veiculada nos meios de comunicação de massa</p> <p>enfoque das informações veiculadas</p>	<p>Preparação para os eventos (leitura), divulgação de experiências, consultas bibliográficas</p> <p>Relatórios; fotografias e cadernos de anotações.</p> <p>Boletim Dois Dedos de Prosa, Calendários de Apicultura e Pequena Produção (2), Alburns</p> <p>Produtores acompanhados e capacitados.</p> <p>Experiências com os agricultores e apicultores, formação profissional, acervo do PTA.</p> <p>Os grupos de apicultores, algumas vezes avaliaram os instrumentos, outras vezes fizeram informes informais. Isso contribuiu para definição de novos alburns seriado, sugestão para da Roça e aprovação do calendário.</p> <p>Materia sobre a experiência de criação comunitária de abelhas de Inhamã - Abreu e Lima Pernambuco e Jornal do Comércio.</p> <p>Enfoque realista e positivo: viabilidade econômica para o pequeno produtor e condições tais apropriadas.</p>
7. Comunicação	<p>nº e tipo de instrumento público</p> <p>fonte de informação</p> <p>retroalimentação</p> <p>nº e tipo de informação veiculada nos meios de comunicação de massa</p> <p>enfoque das informações veiculadas</p>	<p>Boletim Dois Dedos de Prosa, Calendários de Apicultura e Pequena Produção (2), Alburns</p> <p>Produtores acompanhados e capacitados.</p> <p>Experiências com os agricultores e apicultores, formação profissional, acervo do PTA.</p> <p>Os grupos de apicultores, algumas vezes avaliaram os instrumentos, outras vezes fizeram informes informais. Isso contribuiu para definição de novos alburns seriado, sugestão para da Roça e aprovação do calendário.</p> <p>Materia sobre a experiência de criação comunitária de abelhas de Inhamã - Abreu e Lima Pernambuco e Jornal do Comércio.</p> <p>Enfoque realista e positivo: viabilidade econômica para o pequeno produtor e condições tais apropriadas.</p>

Comentário Analítico: É importante perceber nesta área o que aconteceu neste período de atuação do PTA. Por um lado, a apicultura está uma das componentes de maior importância do sistema de produção do pequeno produtor, como um elemento a mais na diversificação, cor bém na melhoria da renda das famílias atingidas. Por outro lado, verifica-se uma melhor compreensão desses agricultores sobre a abelhas com o meio ambiente, a necessidade da conservação e introdução de espécies melíferas que melhorem a produção. A formação de cultores tem se destacado pela capacidade de repasse das experiências, apesar de não existir uma relação de cooperação com o STR por não ser atuante junto aos agricultores.

Antecedentes: Essa intervenção foi definida no contexto da nova estratégia do PTA, com o objetivo de construir uma experiência a nível municipal, começando por um diagnóstico participativo da pequena produção rural. A escola de Bom Jardim foi em função do peso da produção, do interesse e da percepção do Sindicato, do ecossistema (menos adverso do que o semi-árido) e da distância de Recife. O início iniciou-se em fevereiro/92 (contato com Polo e STR) e a partir de abril/92 desenvolveu-se o diagnóstico. Em fevereiro/93 iniciou-se a grama de intervenção. Essa área é uma prioridade do nível I, com acompanhamento direto e experiências de referência.

Diagnóstico da Pequena Produção Rural no Município

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
1. Diagnóstico	<p>público atingido</p> <p>duração</p> <p>participação</p> <p>construção e validação do método</p> <p>desdobramentos práticos</p> <p>repercussão</p>	<p>Escolha de 3 comunidades representativas dos agroecossistemas do município;</p> <p>Em cada comunidade organizamos uma reunião geral de apresentação, três reuniões separadas em Iheres, jovens e agricultores (discussões em grupo), e uma reunião de devolução dos resultados atingindo um total de mais de 200 participantes.</p> <p>Foram entrevistadas 108 famílias nas três comunidades por pesquisadores locais, por meio de questionário.</p> <p>10 meses desde o seminário de preparação até a devolução dos resultados nas comunidades de pesquisa de campo; relatório em elaboração.</p> <p>Ao nível do STR, o trabalho de diagnóstico foi plenamente assumido: participação permanente do diretor do sindicato, organização do trabalho de campo e dos eventos de capacitação pelos agricultores participaram ativamente como informantes (reuniões, discussões em grupos) e como pesquisadores (total de 24 entrevistadores formados nas três comunidades).</p> <p>O método escolhido provou ser adaptado e será difundido por meio de um pequeno manual em elaboração).</p> <p>O melhor conhecimento da realidade agroecológica e sócio-econômica orientou a escolha da capacitação, experimentação e acompanhamento (programa de intervenção agroecológica).</p> <p>O Polo Sindical de Surubim e dois sindicatos do Sertão Central solicitaram o repasse da experiência.</p> <p>Nas comunidades estudadas em Bom Jardim, o diagnóstico contribuiu para a sensibilização e cientização dos participantes. No processo surgiram novas lideranças e novos militantes</p>

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
2. Capacitação	<p>nº e tipo de eventos temáticas público nº de participantes duração metodologia sistematização continuidade e acúmulo adoção dos conteúdos repercussão</p>	<p>Três seminários e um treinamento. Preparação do diagnóstico, treinamento dos entrevistadores, avaliação da pesquisa de campos e desdobramentos do diagnóstico. Diretores sindicais, lideranças comunitárias, pesquisadores/entrevistadores das comunidades Entre 12 (seminário de preparação) e 30 (seminário de avaliação) pessoas. Entre um e dois dias. Metodologia participativa valorizando os conhecimentos e a experiência dos agricultores. O conteúdo dos eventos foi sistematizado ou registrado em forma de relatório. Os quatro eventos estiveram integrados no processo do diagnóstico, permitindo a sua real valiação e desdobramentos. Os participantes foram treinados em determinadas técnicas e métodos de pesquisa, mas não processo de diagnóstico no seu conjunto. Os jovens das comissões de pesquisa nas três comunidades estudadas ficaram envolvidos no sindical e iniciaram experiências práticas em agroecologia.</p>
Programa Municipal de Intervenção Agroecológica		
<p>Esse programa foi elaborado em conjunto pela Diretoria do STR Bom Jardim e o PTA. Ele está baseado nos resultados diagnósticos e incorpora as propostas de ação avançadas pelos representantes das três comunidades estudadas.</p>		
Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
1. Capacitação	<p>nº e tipo de eventos temáticas público nº de participantes duração</p>	<p>Entre Março e Maio de 1993 foram realizados um curso e dois treinamentos práticos. Curso de Agroecologia, treinamento sobre cultivo da mandioca, treinamento sobre cultivos. Lideranças sindicais e comunitárias, jovens que participaram no diagnóstico e agricultores em práticas alternativas. 25 em média, tanto no curso como nos treinamentos. Dois (treinamentos), a três (cursos), dias.</p>

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
2. Articulação/Intercâmbio	<p>metodologia</p> <p>sistematização</p> <p>continuidade/acúmulo</p> <p>adoção dos conteúdos</p> <p>repercussão</p>	<p>Construção do conhecimento a partir da experiência dos participantes; visualização do t grupos em desenhos; observação de campo e demonstração nos treinamentos.</p> <p>Preparação escrita e registro dos eventos em forma de relatório.</p> <p>O processo de capacitação iniciado durante o diagnóstico continua este ano integrado nc de intervenção agroecológica (curso de agroecologia, cultivo agroecológico das principe praticadas, alternativas de comercialização e crédito).</p> <p>A experimentação prática das propostas técnicas abordadas nos eventos de capacitação fa sua adoção e posterior difusão pelos agricultores.</p> <p>Os dois treinamentos realizados em comunidades que participaram no diagnóstico motivara cipantes para iniciar experiências práticas.</p>
3.1. Experimentação e Acompanhamento na Agricultura	<p>nº de eventos</p> <p>duração</p> <p>público</p> <p>temas</p> <p>repercussão</p> <p>nº de unidades</p> <p>participantes</p> <p>metodologia</p> <p>sistematização</p> <p>nº e tipo de experimentos</p> <p>duração</p> <p>impacto na produção e no meio ambiente</p>	<p>Uma reunião com o STR Triunfo e uma viagem de intercâmbio a Tauá-CE.</p> <p>Uma tarde (Triunfo) seis dias (Tauá).</p> <p>Diretores sindicais e membros da Comissão de T.A./equipe de agricultura.</p> <p>Diagnóstico, plano de desenvolvimento agroecológico, experiências de produção e organiz O exemplo de Tauá inspirou o STR Bom Jardim a rever o seu funcionamento interno e atrib so à questão da produção.</p> <p>Uma experiência de referência ("roçado agroecológico") em desenvolvimento na comunidade ra, das outras iniciais (Umari, Sítio Altos).</p> <p>Paquevira: oito pessoas representando cinco famílias; Umari: seis pessoas; Altos: 4 pes Trabalho em mutirão no sítio de um dos participantes; implantação de um roçado agroecol unidade de experimentação, capacitação e demonstração.</p> <p>Acompanhamento pelo técnico do PTA, registro fotográfico, posterior sistematização em f latório.</p> <p>Diferentes práticas de manejo, conservação e fertilização do solo, práticas agroflorest: Experiência iniciada em Março 93.</p> <p>Experiência demasiadamente recente para ter alcançado resultados produtivos e ecológico:</p>

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
3.2. Experimentação e Acompanhamento na Apicultura	<p>difusão</p> <p>repercussão</p> <p>nº e tipo de experiências públicas</p> <p>frequência</p> <p>desenvolvimento e acúmulo de conhecimentos</p> <p>potencial multiplicador e repercussão</p>	<p>A experiência ainda esta numa fase inicial, mas o processo de difusão já começou, atitudes dos participantes e de outros agricultores da comunidade.</p> <p>A experiência, uma vez consolidada, poderá servir de referência para o município e a criação de abelhas na comunidade de Paquevira (seis caixas de cimento, das quais quatro grupo de apicultura formado por seis homens e jovens.</p> <p>Acompanhamento mensal do técnico do PTA, geralmente com um programa de trabalho de do O acompanhamento esta concebido como processo acumulativo de aquisição de conhecimentos e prática da parte dos apicultores, de forma a dominarem todo o processo da apicultura O programa de apicultura em Bom Jardim reproduz a experiência da Mata Norte. Tudo ind cultura é viável no agroecossistema de Bom Jardim e esperamos difundir e multiplicar a experiência.</p>
4. Fomento	<p>nº de empréstimos</p> <p>valor público</p> <p>tipo de investimento</p>	<p>Um (Março/1995).</p> <p>Equivalente a 5 litros de mel.</p> <p>Grupo de apicultura de Paquevira.</p> <p>Cimento para duas colméias, uma caixa de madeira, 0,5 kg de cera alveolada.</p>
5. Documentação	<p>utilidade ao programa</p> <p>registro do trabalho</p>	<p>Principalmente para preparação dos eventos de capacitação.</p> <p>Relatórios dos eventos de capacitação e intercâmbio: registro fotográfico.</p>

Comentário Analítico: Através da realização do diagnóstico e da elaboração do programa de intervenção agroecológica foi criada uma relação sólida de cooperação mútua com um sindicato rural. O STR Bom Jardim tem hoje um diretor liberado para o trabalho com a produção e pensa organizar uma comissão municipal de agricultura A dinâmica do trabalho em Bom Jardim esta ultrapassando as nossas expectativas. No entanto, a experiência é demasiadamente recente para ter um impacto significativo no sistema, na produção e na economia dos pequenos produtores do município.

5. SERTÃO CENTRAL - PE

Antecedentes: Do I Encontro Interestadual de T.A. (1985) surgiu a necessidade de construir elos entre o PTA e os Polos Sindicais região do Estado. As atividades com o Polo Sindical do Sertão Central (reúne 13 sindicatos) iniciou em 1986. O primeiro evento foi o encontro de T.A. do Sertão Central, e daí foi formada a comissão de T.A. Foram programados atividades de capacitação abrangendo temas (ex: tração animal, apicultura e seca). Também foram realizadas atividades relativas a pequenos animais com comunidades de Betânia e Serra Talhada. Com o desenrolar do trabalho, o PTA sentiu a necessidade de priorizar áreas de intervenção, e a Central tem sido sempre uma destas áreas escolhidas. Com o avanço na definição da estratégia, a intervenção privilegiou os municípios que apresentaram maiores potencialidades: Triunfo, São José de Belmonte e Serra Talhada. Hoje o PTA tem trabalhado basicamente com estes municípios, enquanto que as atividades a nível de Polo Sindical vem sendo reduzidas e esporádicas. Os parceiros do Sertão representam o nível de prioridade II na estratégia geral do PTA. A presença de técnicos nestes sindicatos tem sido um elemento para a continuidade do trabalho. Os resultados abaixo relacionados compreende o período de 1990 a 1993.

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
1. Capacitação	nº e tipo de eventos temática	<p>7 cursos 1 seminário e 1 encontro</p> <p><u>Solos e agrossilvicultura:</u> importância do solo na agricultura; formação e vida do solo controle de erosão; práticas de conservação; nutrição, vegetal e nutrientes minerais; adubação; estudo de leguminosas.</p> <p><u>Apicultura:</u> biologia da abelha, exploração apícola, práticas de captura e revisão, orgaos grupos e comercialização.</p> <p><u>Diagnóstico:</u> Levantamento da realidade, natureza dos dados, técnicas e métodos.</p> <p><u>Pequenos animais:</u> importância dos pequenos animais, avicultura, suinocultura.</p> <p><u>Amendoim:</u> utilidade, solos, adubação, pluviosidade, comercialização.</p> <p>Participação total de agricultores, 169; técnicos/assessores, 37. Sendo que nos agricultores envolvidos: sindicalistas, jovens e mulheres. Do total de eventos 8 foram dirigidos aos agricultores e 1 para técnicos/assessores.</p> <p>A média de duração dos eventos foi de 2 dias, tendo uma carga horária média de 20 horas, ximadamente resulta 17 dias e 160 horas (não está se mensurando as atividades de preparação)</p> <p>O conteúdo teórico é abordado tanto de forma indutiva como dedutiva: 1. Faz-se levantar experiências práticas de cada participante através de relatos e práticas. Discute-se o conteúdo em forno desta realidade; planeja-se a intervenção que resultem em proposta. 2. E conteúdo através de exposição, trabalho em grupo, práticas, chegando à realidade do participante. Faz-se o aprofundamento e plano de intervenção.</p> <p>A percepção de cada evento é avaliada de diversas formas: testes, competições, repasse anterior.</p>
	público e participantes	
	duração	
	metodologia	

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
adoção de conteúdos	sistematização	E feita em forma de relatórios (06) e fichas de atividades (03) - incluindo também : ração.
adoção de conteúdos	continuidade e acúmulo	Quanto aos programas de solos e de amendoim está garantida a continuidade através de trabalhos realizados pelo STR de Triunfo. A capacitação em solos/agrossilvicultura segue uma lógica de continuidade e no caso do amendoim a continuidade é garantida com a própria expansão da experiência. O técnico tinha caráter de servir como impulso inicial, e a continuidade é o próprio trabalho do STR de Triunfo. Os temas apicultura e pequenos animais não são mais trabalhados pelo Programa de solos, práticas são difundidas, conteúdos são repassados pela comissão técnica. Experimentos são planejados. Na difusão da experiência do amendoim, os conteúdos de capacitação estão servindo para o ano atual. Na apicultura, tem adoção, mas não temos de quais aspectos. Quanto aos pequenos animais, sabe-se que há adoção, mas também não mencionamos.
fonte de informação	repercussão	vem sendo feito registro de pluviosidade em 6 comunidades e 3 prensas. Conhecimento dos agricultores e técnicos envolvidos, dos livros didáticos, material da profissionalidade da universidade e de outras ONG's, revistas e boletins técnicos.
nº e tipo de atividades	público	<u>Solos e agrossilvicultura</u> : criação da comissão de agricultura (influência parcial), trabalho de repasse, formação de lideranças com acúmulo de conteúdo, planejamento de experiências, sensibilização de outros agricultores (há a perspectiva de iniciar uma "nova" turma do os mesmos conteúdos e metodologias já utilizados). Necessidade de formular o programa de solos para as comunidades atingidas, diversificando mais as atividades (visitas, etc.). <u>Diagnóstico</u> : intercâmbio com STR de Tauá(CE) e Bom Jardim(PE). <u>Apicultura</u> : formação de 1 técnico especialista local, reanimação dos produtores em Ser com a perspectiva de otimizar a produção. Os STR's do Polo devem retomar esta atividade no seu planejamento.
duração	temas	7 encontros, 9 reuniões, 1 visita de intercâmbio. Agricultores, lideranças sindicais e técnicos/assessores. Com exceção de algumas reuniões tiveram participação mista. (agricultores/técnicos). Total de participações: agricultores 63. Os encontros variaram de 1 a 2 dias totalizando 9 dias. As reuniões tiveram duração de 1 a 2 dias de intercâmbio durou 3 dias. Apicultura, sementes, diagnóstico da pequena produção, sindicalismo e pequena produção amendoim, avaliação e planejamento.

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
3. Experimentação	<p>continuidade</p> <p>repercussão</p> <p>público</p> <p>nº de participantes</p> <p>nº de unidades de produção</p> <p>metodologia</p> <p>sistematização</p> <p>duração</p> <p>impacto na produção</p> <p>repercussão</p> <p>propostas técnicas</p>	<p>As atividades do tema sementes serviram para planejar o programa de sementes do Sertão ra o ano de 1992 (experimentos, acompanhamento e capacitação). O tema amendoim está se do no programa de difusão do amendoim. Já os temas relacionados com a pequena produção a necessidade de aprofundá-lo durante este ano. Na apicultura, as atividades real plementam o entendimento já descrito para a capacitação.</p> <p>Proposta de realizar diagnóstico em Serra Talhada; integração programa semente com soli vicultura em Triunfo; planejamento de um evento sobre pequena produção, agroecologia e mo, a nível de polo (2º sem). Avaliação e planejamento vem sendo importante para a qual. atividades e seguindo a estratégia do PTA.</p> <p>Agricultores acompanhados por técnicos locais.</p> <p>11 agricultores e 2 técnicos - 2 municípios.</p> <p>09 unidades, 04 comunidades.</p> <p>Planejamento participativo, acompanhamento, registro de dados, comparação de resultado: Fichas de anotações, relatórios parciais e relatório anual.</p> <p>Amendoim: segundo ano; Solos - agsil: primeiro ano; Sementes: primeiro ano.</p> <p>Resultados do 1º ano do amendoim: a produtividade variou de 267 kg/ha a 737 kg/ha, sem de insumos e com maior irregularidade pluviométrica. Média nacional: 1200-1500 kg/ha. Estímulo ao consórcio, rotação e antecipação do plano Sensibilização na difusão: aumento no interesse de plantar amendoim, e sua viabilidade Acúmulo quanto à comercialização do amendoim. Expansão para outro município: treinamento fo.</p> <p>Acúmulo ainda insuficiente. Perspectiva de analisar viabilidade da alternativa do amenc cultura comercial para áreas do semi-árido (diversificação de produção).</p> <p>3 tipos de experiências. Visitas a comunidades de Betânia e Serra Talhada (pequenos anir tas para acompanhamento dos experimentos de sementes e na difusão do amendoim; encontro ção do levantamento de preços do milho e feijão. Total de visitas: 9 visitas e 1 encont Agricultores de 4 municípios e de 13 comunidades.</p> <p>No caso das visitas a comunidades de Betânia e Serra Talhada, foram feito de forma espo no programa de sementes e amendoim a frequência se deu (dá) de acordo com o calendário plano prevê 3 visitas por ciclo agrícola (média de 1 ao mês). No caso do levantamento d período correspondeu aos dados levantados em 1 ano.</p>
4. Acompanhamento	<p>nº e tipo de experiências</p> <p>público</p> <p>frequência</p>	

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
5. Documentação	<p>desenvolvimento e acúmulo</p> <p>potencial multiplicador</p> <p>repercussão</p> <p>utilidade aos programas do PTA</p> <p>tipo e quantidade de registro do trabalho</p>	<p>No caso, dos pequenos animais resultou em várias sistematizações de experiências. No programa de difusão do amendoim, o desenvolvimento/acúmulo vem da sistematização dos atos e da experiência, inclusive ao nível do técnico do STR.</p> <p>Na difusão de amendoim houve uma expectativa de expansão do programa. No caso do levantamento de preços, há uma tendência para expandir a outros STR's do Polo Sindical.</p> <p>Programa de difusão do amendoim ampliou o universo (público) no 2º ano. Extrapolou para o técnico do treinamento do técnico do Sindicato. Este técnico garantiu um acompanhamento de experiências que extrapolou às previsões programadas.</p> <p>Sementes: livros, textos, revistas, cartilhas, boletins; Amendoim: livros, textos, revistas, cartilhas; Solos: livros, textos, revistas, boletins, cartilhas, vídeos e audiovisuais.</p> <p>Sementes: 2 relatórios, 1 resumo de 25 fichas de levantamento, 5 fichas do experimento. Amendoim: fichas: 1º ano 4 2º ano 4 relatórios de atividades: 3 relatório de sistematização técnica: 01 registro fotográfico de todas as atividades.</p> <p>Solos: 4 relatórios do curso, registro fotográfico. Outros temas: relatórios (4); fichas de registro de atividades (5); fotografia (3 atividades)</p> <p>Adaptação de material para o curso através de pequenas apostilhas (2). Acervo da documentação e acúmulo pessoal dos técnicos.</p>
6. Comunicação	<p>nº e tipo de instrumentos públicos</p> <p>fonte de informação</p>	<p>Adaptação de material para o curso através de pequenas apostilhas (2). Acervo da documentação e acúmulo pessoal dos técnicos.</p>

Comentário Analítico: Alguns aspectos são importantes considerar no trabalho do PTA junto ao Sertão Central: o acúmulo de experiência levou a equipe do PTA a sua intervenção no que diz respeito a municípios com mais potencialidades de expansão/retorno e neste caso a presença de técnicos e assessores nos Sindicatos prioriza um critério importante no sentido de desenvolvimento do trabalho e da continuidade do mesmo. A experiência acumulada também levou a prioridade de áreas programáticas para a eventos pontuais de formação geral. Há ainda a necessidade de avançar a compreensão dos STR's no que diz respeito a importância do trabalho com a pequena produção com a agroecologia, por isso, discussões e eventos neste sentido são importantes, mas há diferenciação de sindicato para sindicato, sendo que a experiência da comissão de agricultura de Triunfo é um produto interessante nesta discussão. Como a nossa estratégia de uma intervenção potencializada vem sendo implementada de meados do ano de 1991 até hoje, alguns resultados ainda não são visíveis, principalmente considerando que em 1992 e principalmente neste ano, a seca prejudica nossa intervenção no sentido de atingir as metas estabelecidas.

SISTEMATIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO PTA PE/PB - CJC

6. SERTÃO DA PARAIBA - PB

Antecedentes: A nossa intervenção no Sertão da Paraíba vem desde o trabalho da Rede PTA com técnicos da Paróquia de Catolé do Roc PROPAC em Patos. A partir de 1991, começamos a desenvolver um trabalho mais específico com o SEAPAS e o PROPAC, realizando algumas des de assessoria técnica a estas duas entidades. Neste mesmo ano iniciamos os primeiros contatos com professores e estudantes da L criaram o MUP, assim como o CEPFS e AMMENCAR. Em 1992, o SEAPAS passa a ser um parceiro priorizado. Com as outras entidades da região trat no sentido da criação de uma rede local de articulação e intercâmbio.

Parceiros: SEAPAS - Serviço de Apoio às Práticas Alternativas do Sertão;
MUP - Movimento Universidade Popular;
PROPAC - Programa de Ação Comunitária;
AMMENCAR - Associação de Amparo ao Menor Carente e
CEPFS - Centro de Educação Popular e Formação Sindical.

Prioridade: Nível II

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
1. Capacitação	nº e tipo de eventos temática público nº de participantes duração metodologia sistemizações continuidade e acúmulo repercussão	Foram realizados 3 cursos Caprinocultura, apicultura e agrossilvicultura. Técnicos das entidades locais, professores e estudantes da UFPB-Patos. No evento de Agro tura também participaram técnicos do Sertão Central. Os agricultores participaram nos ev Apicultura e Caprinocultura. 15 (caprinocultura), 15 (agrossilvicultura), 22 (apicultura). De dois a três dias Metodologia participativa valorizando a participação, o conhecimento e as experiências c tores e técnicos, através de atividades teóricas e práticas. O conteúdo dos cursos estão sistematizados através de relatórios (apicultura e caprinocu fichas de sistematização (agrossilvicultura). Os cursos de caprinocultura, apicultura estão dentro da linha de intervenção e acompanha SEAPAS. O curso de agrossilvicultura serviu para introduzir o tema no trabalho de pequena produção realizado pelos participantes. Agrossilvicultura: os parceiros do Sertão Central de PE que participaram do curso de agr tura hoje desenvolvem trabalhos relacionados ao tema. Os técnicos do SEAPAS se sensibili passaram a acompanhar uma experiência em agrossilvicultura realizado por um agricultor e do Rocha. Esta experiência está sendo repassada para outros agricultores. Os estudantes sores da UFPB foram sensibilizados sobre a importância da agrossilvicultura para a peque dade e a necessidade da realização de pesquisas adaptadas a pequena produção rural. Apir Caprinocultura: as atividades realizadas pelo SEAPAS vêm progredindo tanto a nível de (acúmulo), como resultados econômicos para os apicultores e caprinocultores envolvidos no

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
2. Articulação/Intercâmbio	<p>fonte de informação</p> <p>nº de eventos público</p> <p>participantes</p> <p>duração</p> <p>temas</p> <p>continuidade</p> <p>repercussão</p>	<p>Apicultura e caprinocultura: acervo e técnicos do PTA, juntamente com as experiências cultores e técnicos de Catolé do Rocha. Agrossilvicultura: acervo e técnicos do PTA e dc sores da UFPB - Patos.</p> <p>4 reuniões de avaliação e planejamento</p> <p>Equipe técnica dos parceiros e 2 representantes da equipe PTA. No encontro sobre T.A. ho sença de representantes de outras entidades da região.</p> <p>Nas reuniões de avaliação e no seminário de intercâmbio participaram em média 6 técnicos tro sobre T.A., 24 participantes.</p> <p>Em média 2 dias.</p> <p>Metodologia e estratégia de intervenção; avaliação do trabalho; papel e funcionamento da concepção e práticas de tecnologias alternativas e agroecologia.</p> <p>As reuniões de avaliação e planejamento representam um momento importante no processo de ção dos parceiros e na cooperação com o PTA. A partir da contribuição do PTA, hoje existe estreito de intercâmbio e cooperação entre as entidades do Sertão da Paraíba.</p> <p>A partir da cooperação com o PTA, as intervenções dos parceiros puderam ser mais potenci; através da elaboração de estratégias, métodos de trabalhos e de uma avaliação mais aprofi limites e sucessos do trabalho. A existência de uma rede local de entidades que trabalhar quenos produtores na região. Estas entidades trocam experiências e se articulam em alguns des conjuntas.</p> <p>9 visitas de acompanhamento: 2 visitas a experiências de agricultores; 7 visitas sobre o to de sementes.</p> <p>3 comunidades em Catolé do Rocha e 2 comunidades em Patos.</p> <p>1 visita a cada 40 dias, em média.</p> <p>propiciou a sensibilização dos agricultores visitados e um acompanhamento dos mesm parte dos parceiros envolvidos.</p> <p>O trabalho com sementes se encontra na fase inicial. Os resultados serão difundidos em et teriores.</p> <p>As comunidades visitadas foram sensibilizadas e estão realizando atividades com tecnologi nativas, contando com o acompanhamento dos parceiros da região.</p>
3. Acompanhamento	<p>nº e tipo de experiências público</p> <p>frequência</p> <p>desenvolvimento e acúmulo de conhecimentos</p> <p>potencial multiplicador</p> <p>repercussão</p>	

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
4. Experimentação	<p>nº de unidades de produção</p> <p>nº de participantes</p> <p>público perfil e abrangência</p> <p>metodologia</p> <p>sistematização</p> <p>duração</p> <p>nº e tipo de experimento</p> <p>impacto na produção</p> <p>impacto no meio ambiente</p> <p>repercussão</p>	<p>Trabalho com sementes nativas de milho e feijão - 1 propriedade.</p> <p>8 agricultores e agricultoras</p> <p>Agricultores e agricultoras da comunidade de Pé de Serra.</p> <p>Metodologia participativa, com acompanhamento, registro escrito e fotográfico e análise.</p> <p>Em fichas de campo para posterior confecção de relatório.</p> <p>1 ano de trabalho</p> <p>1 experimento em roçado coletivo funcionando em regime de mutirão.</p> <p>Os dados obtidos ainda não permitem uma avaliação.</p> <p>Na discussão e implantação dos experimentos houve atividades de sensibilização e cursos agrícolas em agroecologia. Foi despertado a necessidade de conservação e diversos recursos genéticos na comunidade.</p> <p>Despertar o interesse dos agricultores em realizar outras atividades relacionadas a arborização de áreas, utilização de restos de culturas e esterco animal.</p>
5. Documentação	<p>utilidade aos programas do PTA</p> <p>tipo e quantidade de registro do trabalho</p>	<p>Apicultura - cartilhas, vídeo, calendário, revistas; Sementes - livros, textos, revistas, boletins; Agroecologia - textos, livros, revistas; Caprinocultura - texto, relatório dos encontros (1) Ficha de acompanhamento (8) relatório de reuniões de avaliação (2).</p>

Comentário Analítico: Até o início de 1991, o trabalho do PTA no Sertão da Paraíba estava inserido dentro da Rede. O trabalho realizado com o SEAPAS durante estes dois anos estabeleceu um estreitamento em nossa cooperação e um rico intercâmbio de experiências. Com os parceiros da região de Patos, que começamos a trabalhar no 2º semestre de 1991, continuaremos incentivando o fortalecimento local. Acreditamos que a continuidade deste intercâmbio será importante para a contribuição dessas entidades no trabalho de fortalecimento da pequena produção rural na região.

7. FORUM PERNAMBUCANO DE ENFRENTAMENTO A PROBLEMATICA DA SECA - FORUM SECA/1991-1993

Antecedentes: O Forum surge a partir da necessidade de diversas organizações da sociedade (Movimento Sindical, Pastorais, ONG'S e técnicos públicos) de somar esforços no sentido de superar o isolamento da problemática da seca e de construir um modelo alternativo para o semi-árido pernambucano. O trabalho realizado, neste curto período de sua existência (2 anos e 10 meses), viu-lhe credibilidade e respeito. Hoje o Forum é uma referência para muitas entidades populares do Estado. A coordenação composta por FETAPE, CUT, PTA-CJC, CAAITINGA e CENTRU planejam, executam e avaliam as atividades sempre em conjunto com as organizações do colegiado.

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
1. Articulação/Intercâmbio	nº e tipo de atividades público nº de participantes	<p>Reuniões de Entidades do Colegiado(9), da Coordenação(16), Encontro de Dirigentes Sindicais (Triunfo), Seminário Estadual de Fundação do Forum(1), Seminário Regional Nordeste com o Governo Paralelo(1), Encontro com Lideranças Sindicais e Assessores(3), Debates abertos para a Sociedade com especialistas(3), Mobilizações de Trabalhadores Rurais e Capital(3), Seminário Nordestino de Intervenção sobre Recursos Genéticos(1), Encontros, Prefeitos, Deputados Estaduais(1).</p> <p>Pequenos produtores rurais, lideranças e assessores do Movimento Sindical, técnicos de Organizações Pastorais do Estado de Pernambuco, notadamente das regiões Semi-Áridas do Sertão.</p> <p>Das reuniões do colegiado participam em média 14 pessoas e da coordenação 6.</p> <p>Dos eventos de intercâmbio os nºs. são os seguintes:</p> <p>Encontro de dirigentes sindicais em Triunfo - 30 pessoas;</p> <p>Do Seminário: Seca Ações Políticas e Formas de Enfrentamento (Momento da Fundação do Fórum) participaram 67 pessoas de diversos estados do Nordeste, representando 41 entidades de associações sindicais;</p> <p>Do Seminário Regional Nordeste, promovido em conjunto com o Governo Paralelo participaram 10 pessoas, entre técnicos e sindicalistas;</p> <p>Dos Encontros de Trabalhadores Rurais, realizados no interior do Estado participam em média 12 pessoas;</p> <p>Dos debates participam cerca de 12 pessoas;</p> <p>Mobilizações de Trabalhadores Rurais: Lançamento Público do Forum em Serra Talhada, participaram 10 mil pessoas; Ato Público em Recife 800 pessoas e ocupação da SUDENE 600 participantes;</p> <p>Seminário de Recursos Genéticos, 27 pessoas;</p> <p>Seminário Estadual para elaborar o programa de ações permanentes, participação de 28 pessoas; técnicos e dirigentes sindicais;</p> <p>Encontro com vereadores, prefeitos, deputados e trabalhadores rurais, cerca de 60 pessoas;</p>

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
duração	temas	<p>As reuniões de coordenação e colegiado juntas somam em média dois dias, os seminários e de dois a três, os debates apenas um turno, e as mobilizações variam entre 1 a seis dias</p> <p>Situação sócio-econômica e ambiental da pequena produção rural frente a problemática da do movimento sindical para enfrentar a questão e programas governamentais de desenvolvimento (FNE).</p>
continuidade	continuidade	<p>Garante-se a continuidade através das reuniões mensais de coordenação e bi-mestrais do O planejamento anual e o gabinete do Forum Seca são instrumentos que contribuem para a mática. A permanência da articulação que envolve um conjunto de entidades no enfrentamento da problemática seca é um objetivo alcançado nestes dois anos de existência do Forum Seca de</p>
repercussão	repercussão	<p>Pode-se verificar a repercussão do Forum Seca nos seguintes níveis:</p> <ul style="list-style-type: none"> - No Movimento Sindical o Forum Seca é uma referência concreta para trabalhadores rurais da seca hoje é tratada de forma abrangente e permanente. Verifica-se uma mudança de da questão expressa sobretudo no discurso e na prática de trabalhadores. - A idéia da criação de forums, em estados do nordeste, à exemplo do que existe em Pernambuco foi apresentada pela Contag e Governo Paralelo em encontros regionais. Recentemente a outras entidades da sociedade civil estimularam um processo de debate no nordeste sobre o assunto. Uma equipe da Paraíba e outra do Maranhão solicitaram recentemente apoio da do Forum Seca Pernambuco para criarem forums nos seus estados. - A credibilidade que o Forum Seca vem conquistando junto aos setores organizados da sociedade em alguns momentos o exercício da função de interlocutor com o Estado. A título de exemplo podemos citar a audiência com o Governo de Pernambuco, a participação na audiência da República e na Comissão que está administrando o programa emergencial no Estado que, nestas ações para negociação com o estado, o movimento sindical, através de orienta a discussão política. <p>Recentemente o Forum Seca participou junto com outras entidades da elaboração do programa frentes produtivas. A maior parte do texto foi aceita pelo Governo Federal e Estadual do ao decreto assinado pelo Presidente da República.</p> <p>O Forum como uma articulação da sociedade civil que trata da problemática seca tem-se com o Estado. Os debates televisionados é um espaço onde os técnicos e lideranças sindicais questionam as políticas convencionais e paliativas dos órgãos estatais. Por outro lado busca apresentar alternativas, geralmente respaldadas em discussões participativas. Outra ação de repercussão dentro do estado foi a formação da comissão da seca com 5 membros estaduais. Eles estiveram presentes em atividades organizadas pelo Forum, como também em um momento dentro da assembléia (espécie de sessão extraordinária). Um parlamentar sub-Forum com recursos do seu gabinete. Cabe ressaltar ainda, as demandas de parlamentares por documentos e análises para subsidiar seus pronunciamentos no congresso.</p>

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
acompanhamento	propostas para enfrentamento à problemática da seca	<p>A sensibilização do Setor Acadêmico acontece deste os momentos iniciais do Fórum, professores pesquisadores participaram do seminário de formação do Fórum e ainda hoje contribuem com ações, participação em debates e elaboração de subsídios.</p> <p>O interesse do setor acadêmico no Fórum se explicita na solicitação de pessoas deste meio participar de eventos, como também nos convites para que o Fórum participe de atividades da universidade.</p>
sistematização	nº e tipo de instrumentos de comunicação produzidas	<p>O acompanhamento ao Fórum existe desde o 1º momento, pois sendo o PTA a equipe que tomou a iniciativa junto com o Sindicato de trabalhadores rurais do interior do Estado, coube-lhe a responsabilidade de estruturação do Fórum. Neste sentido, realizou nos dois primeiros anos diversas ações de gestão, tais como: elaboração e negociação de projetos, preparação de relatórios de dados e financeiros. Além da instalação de um escritório (com recursos humanos e materiais) que funciona como sede do gabinete do Fórum.</p> <p>Atualmente, o PTA desempenha atividades de planejamento e avaliação, investindo também na gestão de atividades, gestão do Fórum e acompanhamento ao gabinete.</p> <p>Considerando a seca como um problema possível de ser solucionado, o Fórum elaborou propostas foram apresentadas em diversos momentos a sociedade e ao governo. "A carta de Camaragibe, programa permanente de geração de renda e trabalho para o semi-árido pernambucano", são os dois produzidos.</p> <p>O programa permanente foi entregue ao Governo do Estado por trabalhadores vindos de municípios Agreste e Semi-Árido, que realizaram um ato público em frente ao Palácio do Governador. Por conseguinte o governo enviou documento resposta não atendendo a reivindicações do movimento.</p> <p>A elaboração de relatos (14) das reuniões da coordenação e do colegiado é uma prática já realizada.</p> <p>Existe dois relatórios de eventos da fase inicial do Fórum, como também registro fotográfico atividades realizadas.</p>
nº e tipo de informações veiculadas nos meios de comunicação de massa	<p>O Fórum produziu um folheto de Cordel (com tiragem de 3 mil exemplares), um filme de vídeo apresenta as principais atividades públicas. Este material tem sido utilizados sobretudo em reuniões de trabalhadores rurais. O Cordel teve uma ampla circulação (foram enviados 2.400 cópias) para pessoas da região. Encontra-se em fase de revisão o texto de uma cartilha sobre a situação dos trabalhadores rurais.</p> <p>Cerca de 25 matérias foram publicadas em jornais locais e nacionais, sendo uma publicada no Guardian de Londres.</p> <p>Com relação a entrevista houve uma para a Rádio BBC e 3 para canais de TV local. Coordenador do Fórum participaram de 4 debates em programas de televisão.</p>	

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
análises da questão seca		<p>O Fórum buscou estimular a reflexão sobre a problemática, valorizando e pontencializando o acúmulo a nível local. Nestes termos, foram elaborados os seguintes textos:</p> <ul style="list-style-type: none">- "Seca: debate e ação" por Tânia Barcelar (Professora da UFPE);- "Administração da fome pelo Governo Federal" de Emília Perez (Professora da UFPE), sobre a situação nutricional da cesta básica do Governo Collor.- "Levantamento da situação da população e da produção no Semi-Árido" por Breno Gonçalves Lador do Fórum Seca).- "A questão da seca no nordeste e suas implicações" de Manoel Santos (Secretário Geral do Movimento do descaso do Governo Federal e das ações do Movimento Sindical para enfrentar as consequências da seca.

SISTEMATIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO PTA PE/PB - CJC

8 - REDE TA PE e PB

Antecedentes:

O PTA PE/PB surgiu em 1984, como uma das primeiras ampliações do PTA Nacional - FASE RJ. A idéia de Rede PTA foi se viabilizando com a formação de novas equipes em outros Estados do país. O esforço inicial de PTA PE/PB foi no sentido de sensibilizar pessoas e instituições principalmente do Movimento Sindical sob importância das T.As, estimular o intercâmbio e a circulação de informações para reduzir o isolamento e o fechamento existente no meio rural. Neste sentido, a estratégia inicial valorizou o mapeamento de pessoas e redes, assim como uma ampla difusão de conteúdos técnicos de agricultura alternativa. O acúmulo das reflexões sobre o trabalho contribuiu para a reformulação da estratégia de intervenção do PTA. No momento buscamos realizar um trabalho mais localizado (nível micro junto as comunidades rurais) e outro mais geral (nível macro), articulado com organizações da sociedade civil de PE e PB.

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
1. Capacitação	<p>nº e tipo de eventos</p> <p>temáticas</p> <p>público</p> <p>nº de participantes</p> <p>duração</p> <p>metodologia</p> <p>sistematização</p>	<p>4 cursos de formação/reciclagem</p> <p>Oficina de Rádio Rural; Diagnóstico Rural Rápido, Introdução à Agroecologia, e Biologia do Solo.</p> <p>Prioritariamente, técnicos de nível médio e superior ligados as ciências agrárias que to a pequenos produtores rurais do NE, com maior ênfase para PE e PB. Recentemente, trabalho dado produtores experientes em agroecologia.</p> <p>Os estudantes tem participado regularmente, 08 pessoas presentes na Oficina de Rádio, soas no Curso de Diagnóstico, 28 pessoas no Curso de Agroecologia, 42 pessoas no Curso de Manejo do Solo.</p> <p>De 3 a 4 dias.</p> <p>É participativa, envolvendo os convidados em diversas etapas que perpassam a preparação e avaliação dos eventos. A definição das temáticas trabalhadas, a troca de experiências tem valorizados e exercitados coletivamente.</p> <p>Para cada evento (seminário ou curso) um relatório é produzido. Existem 4, sendo que 1 fase de elaboração. Nos relatórios anuais do PTA também se encontram comentários/sistemas sobre o trabalho de capacitação realizado.</p>

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
2. Articulação/Intercâmbio	<p>continuidade/acúmulo</p> <p>adoção dos conteúdos</p> <p>repercussão</p> <p>fonte de informação</p> <p>nº e tipo de atividades</p> <p>público</p> <p>duração</p> <p>temas</p> <p>continuidade</p>	<p>Processo contínuo de formação com a realização de 2 eventos em média por ano. Esta ação permitiu aos parceiros do PTA avançar para um melhor conhecimento da agroecologia.</p> <p>Alguns parceiros capacitados nos cursos promovidos pelo PTA tem se tornado adeptos e diápropostas agroecológicas.</p> <p>Desdobramentos com realização de pequenos cursos, nas áreas de intervenção de alguns (curso de diagnóstico em Triunfo e de agricultura alternativa para técnicos da EMATER em Interesse dos técnicos da Rede PTA NE em participar dos eventos, assim como pessoas de nizações não governamentais do CE, PI e AL.</p> <p>Compromisso assumido por algumas entidades, de garantir presença constante nos eventos c pelo PTA.</p> <p>Demanda de órgão estatais, sobretudo universidade federais de PE.</p> <p>O PTA investe na busca de especialistas reconhecidos no cenário nacional e até internaci assessorar os seus cursos. Vale dizer que existe um pequeno catálogo de assessores (comp que o PTA poderá solicitar apoio para responder as demandas da Rede PE/PB. Outra fonte d gão é a bibliografia especializada nacional e internacional que o PTA recebe periodicame</p> <p>Visitas com trabalhadores rurais ao CTA-0 (2), visitas de articulação a entidades da Red PB (2), encontros temáticos da Rede PTA NE (6), encontro inter-estadual (1), reuniões do PTA (5), encontro das equipes PTA-NE (1).</p> <p>Pequenos produtores rurais, estudantes, técnicos de PE e PB, da Rede PTA-NE e de outros Brasil.</p> <p>2 a 3 dias.</p> <p>Agricultura (geral: culturas, plantios, tratos, etc.); Pequenos Animais; Sementes; Apicu ca e Agrossilvicultura.</p> <p>A necessidade de aprofundamento colocou para Rede PTA NE a importância da especialização disto, foram formadas algumas Redes temáticas, que funcionam com encontros regulares e s envolvendo entidades próximas as equipes dos PTA's.</p> <p>Em relação a PE/PB o PTA participa desdas articulações mais permanentes (Forum. Seca, semk até outras de caráter conjuntural como a sobre Lei de Patentes.</p> <p>Acerca de 4 meses o PTA vem participando do Forum Regional Nordeste Junto com a Contag, e Centro Luis Freire. Esta articulação criada a partir do debate sobre a reformulação do tem continuidade com o processo em vigor de construção do "programa de ações permanentes desenvolvimento do Semi-Arido".</p>

Linha de Intervenção

Indicadores

Resultados

repercussão

Engajamento permanente de entidades no Forum Seca Pernambuco. Convites ao PTA para apoiar a formação de Redes Temáticas (MA, AL). Assessoria a Redes Locais de organizações de trabalhadores (Sertão Central de PE) e ONG's da PB).

Demandas para o PTA participar de outras redes temáticas.

Reconhecimento da equipe PTA por organizações da sociedade civil face ao trabalho de art: de redes, principalmente com relação a questão seca.

Atribuição ao PTA PE/PB a responsabilidade da organização da próxima reunião do Forum No: entidades - PTA.

Solicitação da SEMAM para o PTA articular e sistematizar experiências agroecológicas em Assessoria a formação de pequenas ONG's para trabalhar com pequenos produtores (3).

Equipes técnicas localizadas no Sertão da PB, Sertão e Agreste de PE.

Nos momentos iniciais, o período entre um acompanhamento e outro variava de 3 a 4 meses. mente, o período foi se dilatando de 6 em 6 meses e de ano em ano.

Houve a profissionalização de 2 equipes que se constituíram como ONG's. Outra equipe dis: possibilidade.

Observa-se uma racionalização do trabalho a partir de uma melhor organização interna (re: sistêmicas, divisões de responsabilidades, etc.) e com a priorização de temas e áreas t: das. Isto é mais explícito no SEAPAS (Sertão da Paraíba).

potencial multiplicador
repercussão

Estas equipes tem realizado um trabalho permanente junto com as organizações de Pequenos res de seus municípios. Acompanham sindicatos, associações, comunidades eclesísticas de timulando a adoção de tecnologias alternativas e o fortalecimento das organizações popula: Ocupação de um espaço a nível local.
Demandas para que o PTA se envolva mais no acompanhamento.
Melhores condições para desenvolver um trabalho permanente de cooperação.

nº e tipo de títulos catalogados

813 títulos catalogados

Tipo: Audiovisuais; cartilhas; textos; livros; fichas de sistematização; mapas; vídeos; pi: cos e obras de referências.

nº e tipo de títulos em circulação

1987 à 1990 - 61 sistematizações de experiências populares.
1991 - 21 títulos circularam - média de 1 título por mês.
1992 - 23 títulos circularam - média 2 títulos por mês.
1993 - 08 títulos circularam - média 2 títulos por mês.
Tipo: Boletins, textos, listas T.A., relatórios, divulgação de eventos (seminários, encon: etc.), catálogo de vídeos, audiovisuais, cartilhas.

4. Documentação

3. Acompanhamento

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
5. Comunicação	<p>nº frequência e tipo de solicitação</p> <p>utilidade aos programas do PTA</p> <p>nº e tipo de instrumentos público</p> <p>fonte de informação</p> <p>retroalimentação</p> <p>nº e tipo de informação veiculada nos meios de comunicação de massa</p>	<p>1991 - 89 solicitações, média de 8 solicitação/mês.</p> <p>1992 - 110 solicitações, média de 10 solicitações/mês.</p> <p>1993 - 39 solicitações, média de 9 solicitações/mês.</p> <p><u>Formas de solicitação:</u> por carta, pessoalmente e por telefone.</p> <p><u>Tipo:</u> cartilhas, folhetos, livros, textos, revistas, audiovisuais e vídeos.</p> <p>1992 - 16 solicitações de materiais de apoio para cursos, seminários, treinamentos, etc. (audiovisuais, vídeos, cartilhas, etc.).</p> <p>1993 - 07 solicitações registradas.</p> <p>Produzimos 7 tipos de instrumento: cordel (1 folheto); cartilha (3 edições); boletim (9 calendário (2 cromos); áudio-visuais (5 conjuntos); catálogo (4 listas); álbuns seriado Os parceiros do nível I (áreas priorizadas); nível II (Redes locais priorizados) e outros da Rede PE/PB.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Experiências desenvolvidas por pequenos produtores rurais. 2. Conteúdos sistematizados pela Equipe PTA. 3. Conteúdos provenientes de outras instituições. 4. Acervo do PTA. <p>O retorno sobre cada instrumento é bem diferenciado. O <u>álbum seriado</u> apresenta uma reação positiva por parte dos agricultores. O <u>calendário</u> tem tido uma resposta muito positiva; grande procura e por haver solicitações nos anos seguintes, nos quais não produzimos mais boletim tem sido avaliado positivamente por alguns parceiros, de uma maneira informal e Os <u>áudio-visuais</u> são bem recebidos nas reuniões e encontros de agricultores. A partir dos <u>gds</u> tem havido solicitações de títulos do acervo. Os <u>cordéis</u> são bem adequados à cultura rural. As cartilhas precisam ser avaliadas com critérios mais adequados ao instrumento. verificamos a necessidade de construirmos mecanismos mais oportunos para avaliar o nível veitamento dos instrumentos de comunicação.</p> <p>1990 - Debate na TV, na emissora TV Pernambuco, com o tema "O Nordeste no Governo Paralelismo de Oliveira e Marcos Figueiredo.</p> <p>1990 - Reportagem na imprensa escrita, no Jornal do Comércio, abordando a apicultura em Mata Norte, com o título "Ao invés de medo, lucro dobrado com as abelhas".</p> <p>1992 - Reportagem na TV, no Programa "Campo Livre" da TV-PE, falando da apicultura em Inhamitanga.</p> <p>1992 - Reportagem na imprensa, Diário de Pernambuco, intitulada "Instituições discutem Avas para a seca".</p>

Linha de Intervenção	Indicadores	Resultados
	enfoque das informações veiculadas	As reportagens sobre apicultura corresponderam bem à realidade e contribuíram para divulgar trabalho na Mata Norte. O debate na TV não foi polêmico e foi crítico. A reportagem sobre seca manteve o enfoque tradicional.

Produção de Instrumentos de Comunicação

Principais Instrumentos	Indicadores	Resultados
BOLETIM "DOIS DEDOS DE PROSA" edições 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 1989/90 - 1992/93	<p>periodicidade/tiragem</p> <p>público</p> <p>objetivos</p> <p>temáticas</p> <p>relação com a estratégia do PTA</p> <p>fonte de informação</p> <p>periodicidade/tiragem</p> <p>público</p> <p>objetivos</p>	<p>Langado em agosto de 1989, publicamos 9 edições, sendo 3 ao ano. Interrompemos a publicação em função dos problemas gerados com o plano econômico do Governo Collor. Iniciamos com uma tiragem de 300 exemplares e ampliamos para 1.000 nas edições seguintes.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Trabalhadores rurais atingidos por organizações, tipo sindicato, Igreja, cooperativa das na Rede de Intercâmbio PE e PB. 2. Técnicos e instituições que trabalham junto a pequenos produtores rurais, em PE e PB <p>Informar o público (esfera 1 e 2) sobre conteúdos técnicos, políticos, sociais e econômicos de criar/estimular uma massa crítica em torno da importância da pequena produção rural e ecologia.</p> <p>Abordagens e experiências no campo da agroecologia; análises de conjuntura dirigidas à comunidade rural; movimentos e lutas dos trabalhadores rurais.</p> <p>Divulgar experiências do nível I e II; contribuir com a formação de opinião no nível II. Informações do macro para as áreas de intervenção direta e localizada, e do micro para a Rede.</p> <p>A Equipe do PTA, os parceiros priorizados, colaboradores, entrevistas e o acervo do PTA</p> <p>Iniciamos em 1990, com tiragem de 2.000 exemplares e periodicidade bienal. Pretendemos inicialmente a partir de 1994.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Trabalhadores rurais atingidos por organizações, tipo sindicato, Igreja, cooperativa das na Rede de Intercâmbio PE e PB. 2. Sociedade civil organizada. <p>Sensibilizar pequenos produtores rurais e suas famílias sobre temáticas agroecológicas; conquistar espaço na opinião através da sensibilização de organizações democráticas da</p>
Calendário Cromo		

Principais Instrumentos	Indicadores	Resultados
<p>Caderno de Experiências Populares "Histórias da Roça"</p>	<p>temáticas</p> <p>relação com a estratégia do PTA</p> <p>fonte de informação</p> <p>periodicidade/tiragem</p> <p>público</p> <p>objetivos</p> <p>temáticas</p> <p>relação com a estratégia do PTA</p> <p>fonte de informação</p>	<p>1º) <u>Apicultura</u>: a importância da criação de abelhas para a natureza, produção rural, se cultor e renda familiar.</p> <p>2º) <u>A Pequena Produção Rural</u>: sua importância na produção de alimentos e absorção de mão de obra; a concentração fundiária; a violência no campo; a contribuição da pequena produção meio ambiente.</p> <p>Tem cumprido a função de "vulgarizar" temáticas e abordagens pertinentes ao trabalho na produção, na medida em que tem sido um instrumento de apoio dos parceiros priorizando peça de propaganda e sensibilização nas mãos de parceiros do PTA em âmbito local, regional.</p> <p>1. Experiência desenvolvida por pequenos produtores assessorados pelo PTA.</p> <p>2. Conteúdos sistematizados pela Equipe PTA.</p> <p>3. Conteúdos sistematizados por outras instituições e catalogados no acervo do PTA.</p> <p>Publicamos o caderno nº 1 em 1992, com 1.000 exemplares.</p> <p>O nº 2 está em fase de conclusão. A periodicidade não é pré-estabelecida, mas está em oportunidade de conteúdos disponíveis e da sintonia com o calendário agrícola.</p> <p>1. Trabalhadores rurais atingidos por organizações, tipo sindicato, Igreja, cooperativas dos na Rede de Intercâmbio PE e PB.</p> <p>2. Instituições parceiros e envolvidos na Rede PTA.</p> <p>1. Difundir experiências de t.as. desenvolvidas por pequenos produtores rurais e sistematizadas pelo PTA PE/PB.</p> <p>2. Oferecer um instrumento de apoio ao trabalho de difusão realizado pelos parceiros institucionais, agricultores e técnicos.</p> <p>No caderno nº 1 fala-se de tecnologias de preparação do solo. No nº 2, são experiências de produção de sementes.</p> <p>Inicialmente está linha de publicações surgiu com o propósito de divulgar as "sistemáticas". Na atual estratégia, o "Histórias da Roça" (os próximos) divulgação experiência PTA acompanha sistematicamente, quer seja no nível I ou nível II.</p> <p>São as fichas de "sistematização de t.as.", produzidas pelo PTA, que resgatam tecnológicas desenvolvidas por pequenos produtores rurais, ou técnicos engajados.</p>

Principais Instrumentos	Indicadores	Resultados
Álbuns Seriados	periodicidade/tiragem público objetivos temáticas relação com a estratégia do PTA fonte de informação	<p>Por sua natureza esse tipo de instrumento não cumpre periodicidade ou tiragem consecutivas, com 2 unidades, em 1992</p> <p>Trabalhadores rurais envolvidos em atividades de capacitação ou intercâmbio realizadas em PE/PB, nos níveis I e II.</p> <p>Apoiar o trabalho de difusão/capacitação realizado pelos técnicos do PTA e pelos parceiros difusores" com material didático para os agricultores.</p> <p>Os 2 alburns trabalharam a temática apicultura: confecção de colmeias e revisão de caixas.</p> <p>O instrumento vem apoiar o trabalho no nível I.</p> <p>Conteúdos sistematizados pela Equipe do PTA.</p>
Audio Visuais	<p>periodicidade/tiragem público objetivos temáticas relação com a estratégia do PTA fonte de informação</p>	<p>Por sua natureza, esse instrumento não cumpre periodicidade ou tiragem.</p> <p>Produzimos 5 conjuntos de slides.</p> <p>Trabalhadores rurais envolvidos em atividades de difusão e sensibilização, realizadas em PE/PB ou por parceiros.</p> <p>Apoiar o trabalho de difusão/sensibilização realizado pelos técnicos do PTA e pelos parceiros com material didático.</p> <p>Produtividade, tecnologias alternativas, combate de piolhos em caprinos, utilidade do leite</p> <p>Tem uma relação mais forte com o nível III, com atividades de sensibilização no interior de Intercâmbio.</p> <p>São diversas, podendo ser originada de outras instituições ou no interior do PTA.</p>

CENTRO JOSUÉ DE CASTRO
ANTE-PROJETO PARA A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

Projeto Tecnologia Alternativa
Projeto Pesca

Referência: Proposta para análise da equipe do Centro
Definição conjunta com a equipe de avaliação

I. CONCEPÇÃO

O significado e as implicações de uma avaliação participativa.

- a. Esta proposta se apóia na concepção da avaliação como um processo educativo, essencialmente comprometido com a realidade e com os objetivos a que se referem a instituição e seus Programas.

Segundo esta perspectiva, no processo avaliativo, o fio condutor é a análise crítica da correspondência entre os objetivos e a prática (execução) dos Programas e destes com as características/necessidades/prioridades dos grupos sociais que pretendem servir.

Neste sentido é que a avaliação é também um processo de transformação das consciências e, em consequência, dos comportamentos com relação ao desenvolvimento da prática.

- b. O compromisso com a análise crítica da prática se constitui simultaneamente como o compromisso com a superação dos limites.
- c. A atitude correspondente é o interesse em evidenciar os limites e aprofundar sua compreensão, para garantir sua superação.
- d. Segundo esta concepção, ao avaliador como assessor externo, cabe mobilizar, articular e orientar o processo avaliativo que é desenvolvido pelos próprios sujeitos da prática avaliada.

II. OBJETIVOS

- a. Análise crítica da relação dos objetivos institucionais permanentes com a prática, os processos e as relações sociais desenvolvidos pelo CJC no conjunto de seus projetos e atividades;
- b. Identificação dos limites e dos desvios ao cumprimento dos objetivos institucionais e específicos a nível de cada projeto.

atividade e as alterações necessárias (metodológicas, políticas, gerenciais) para garantir a contemporaneidade de suas propostas;

- c. Definição de parâmetros político-pedagógicos capazes de orientar o aperfeiçoamento do projeto institucional do CJC

III. DIRETRIZES METODOLÓGICAS PARA A AVALIAÇÃO

- a) a integração analítica entre o consenso e a diferença, a objetividade e a subjetividade, a organização interna e a prática externa, o pensar, o sentir e o agir, permite perceber com maior clareza onde estamos e para onde podemos e devemos ir (avaliação a partir de dentro);
- b) O conhecimento da conjuntura econômica, sócio-política e cultural dos grupos com os quais trabalhamos e o eixo básico da avaliação de nossa prática - a chave do significado para identificar o grau de contemporaneidade de nossas ações;
- c) A percepção dos grupos com os quais trabalhamos a respeito de nossa prática, o conhecimento das descobertas e das indagações geradas pelos eventos realizados, a análise do conteúdo e da natureza das demandas recebidas, são indicativos da correspondência e da eficiência das atividades realizadas (avaliação a partir de fora).

"O que o outro vê em mim é também aquilo que sou"

- d) A identificação das tendências internas e externas à entidade (relativas aos grupos apoiados, às perspectivas nacionais e internacionais) é condição para que a avaliação seja instrumento da prática futura.

"Não somente o passado, mas principalmente o futuro é referência do processo avaliativo"

IV. ETAPAS PREVISTAS

- 1ª. Apresentação e análise de proposta preliminar com direção do Centro Josué de Castro e representações de sua equipe técnica. Legitimação da Proposta
- 2ª. Implementação do processo de avaliação com a definição da pauta inicial de trabalho para as equipes - Definir com a equipe de avaliação o conteúdo desta pauta até o dia 29/03. Repassar para a equipe até 10/04.
- 3ª. Devolução do 1º produto das equipes do Centro Josué de Castro até 20/04

- 4ª. Elaboração da 1ª sistematização pela Equipe de Avaliação. Preparação da 2ª etapa do processo.
- 5ª. Trabalho conjunto de Equipe de Avaliação com CJC - Uma semana de maio a definir data. Conteúdo, programação a definir.
- 6ª. O trabalho conjunto (5ª etapa) deve definir a continuidade e as características do processo (conteúdo, responsabilidades, prazos) Uma proposta seria cada área (institucional, TA e pesca) ao concluir a visita a Recife em maio, definir uma pauta com sua equipe e prazos em que os materiais adicionais ou análises necessárias seriam enviados ao avaliador para este consolidar o relatório final de Avaliação.
- 7ª. Entrega dos relatórios
Seminário de Conclusão

V. CRONOGRAMA

ETAPA	PERÍODOS
1ª e 2ª	Abril - 1ª em Recife
3ª	Abril - até 20
4ª	Abril/Maio - até 03/05
5ª	Maio - 17 a 21/05 - (proposta)
6ª	Maio - até 28/05
7ª	Junho - até 04/06

PROPOSTA PARA O TRABALHO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

I. QUESTÕES GERAIS

- . Quais as principais indagações que o CJC tem sobre sua questão institucional?
- . Sobre que aspectos de sua estrutura, condições operativas, metodológicas e gerenciais existem dúvidas?
- . Quais as causas dessas dúvidas?
- . Que alternativas já foram pensadas?

II. QUESTÕES ESPECÍFICAS, A DESDOBRAR DE ACORDO COM A SINALIZAÇÃO DO BLOCO ANTERIOR:

- . Como são definidas as pautas (programas) de trabalho de cada equipe?
- . Existe questionamento sobre esta forma?
- . Estes Questionamentos referem-se à aspectos tais como
 - qualidade técnica?
 - legitimidade política?
 - coerência com os princípios gerais do Centro?
 - prioridade diante da conjuntura em que atuam?
 - outros?
- . Como tem sido resolvidas até agora estas questões?
- . Que outras alternativas têm sido pensadas
- . O contato com outras ONGs é realizado por cada um dos projetos individualmente ou pelo Centro enquanto entidade?
- . Que idéias/experiências/questionamentos existem sobre isto? Que sugestões?
- . O contato com as Agências Financiadoras é desenvolvido por cada um dos projetos ou pelo Centro?
- . Que idéias, experiências, Questionamentos existem sobre isto? Que sugestões?

TERMOS DE REFERÊNCIA

Este documento pretende servir de referência para a proposta metodológica de avaliação do Centro Josué de Castro. A avaliação deverá perseguir dois caminhos: o institucional e o dos projetos específicos. No primeiro caso, a intenção é de cotejar os objetivos institucionais permanentes expressos, na prática, nos processos e relações sociais desenvolvidos ao longo da existência do CJC. No segundo caso, é de destacar dois projetos específicos, com maior tempo na instituição, para uma avaliação dos seus objetivos iniciais e as possíveis mudanças ocorridas e os impactos com a sua implantação.

1. Objetivos da avaliação

Verificar se os propósitos do CJC estão sendo atingidos e quais o seu alcance; e, por outro lado, identificar os pontos de mudança e transformação ao longo dos doze anos de sua criação.

2. Indicadores para a avaliação

O CJC trabalha nos seus projetos sob dimensões, que devem ser tomadas como parâmetros para análise e verificação de sua atuação. São elas:

- Estudos e pesquisas
- Sistematização de experiências
- Difusão do conhecimento
- Capacitação
- Assessoria
- Articulação
- Processo educacional e organizativo

Considera-se, ainda, para efeito da avaliação, a capacidade da instituição em captar recursos junto às agências de cooperação internacionais. Isso permite aferir o fortalecimento institucional, essencial ao processo de desenvolvimento em consolidação do CJC.

3. Sugestões metodológicas

- discussão com o coletivo do Centro (equipe dirigente, técnicos, apoio administrativo) sobre o seu sistema organizacional;
- discussão com as equipes dos projetos específicos: pesca e tecnologia alternativa;
- seminário com as equipes dos projetos e suas respectivas contrapartes;
- visita a uma área de intervenção dos projetos.

4. Perfil dos avaliadores

- No que se refere ao aspecto institucional é essencial que o avaliador não só conheça, mas tenha vivenciado a cultura organizacional de ONG.
- Os avaliadores das áreas específicas deverão apresentar além de experiência nas respectivas áreas de conhecimento (pesca e tecnologia alternativa), ter desenvolvido experiência na área de educação popular e ter vivenciado processos organizativos-educativos nas comunidades pesqueiras e de pequena produção rural.

5. Produto esperado

O resultado da avaliação deverá indicar meios que permitam assegurar ao Centro Josué de Castro:

- maior organicidade interna;
- maior grau de profissionalização dos seus técnicos.

- maior articulação com os parceiros;
- maior visibilidade na sociedade;
- atuação mais eficiente;
- eficácia das ações/atividades;
- produtos mais tangíveis.

6. Documentos referenciais

- Estatutos
- Regimento Interno
- Modelo de Gestão
- Plano Trienal 93-95
- Projeto Pesca
- Projeto TA

PROPOSTA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DE TECNOLOGIAS
ALTERNATIVAS, DO CENTRO JOSUÉ DE CASTRO.

...e o que foi feito é preciso conhecer
para melhor prosseguir

Milton Nascimento

Síntese da concepção :

A avaliação é aqui concebida como parte do processo de desenvolvimento do Projeto T.A.. A tarefa de avaliar cabe a todos os atores e parceiros desse processo comprometidos com os objetivos, metas, estratégias e, sobretudo, com a caminhada e o horizonte que se quer descortinar. O momento é, portanto, de exercitar a crítica e a reflexão de conteúdos e métodos do projeto e de identificar caminhos e atalhos mais seguros que conduzam seus passageiros em direção a esse horizonte.

Objetivos:

Geral: Aferir o progresso obtido pelo Projeto Tecnologias Alternativas em direção à "construção do novo modelo de desenvolvimento alternativo".

Específicos:

Identificar os benefícios proporcionados pelo Projeto Tecnologias Alternativas sob os aspectos da produtividade, viabilidade econômica, risco climático, conservação dos recursos naturais, comercialização, organização social e participação.

Identificar os fatores que estão interferindo no processo de transferência e adoção das tecnologias alternativas.

Procedimento para avaliação:

A proposta de avaliação compreende dois momentos. No primeiro, a referência básica é a concepção do Projeto, seus objetivos de médio e longo prazos e sua estratégia. Dada a vinculação desse conteúdo com os objetivos mais gerais do CJC sugere-se o envolvimento do Conselho Diretor nessa

discussão. Um roteiro de questões foi elaborado para orientar as discussões. Esse primeiro momento deve gerar um relatório com as principais conclusões do CJC.

1. Qual é o conceito de tecnologia alternativa da equipe e como se dá o processo de definição das tecnologias a serem difundidas ?
 2. Como a equipe encara as avaliações mais recentes sobre as perspectivas da pequena produção, particularmente que tendências se observa em Pernambuco e Paraíba ? A pequena produção está, de fato, se mostrando viável economicamente? Ela está se reproduzindo ? Qual é o futuro do PTA diante desta avaliação da equipe ?
 3. Seriam as tecnologias alternativas caminho mais eficaz que outros instrumentos de política agrícola para atingir os objetivos definidos no Projeto e do CJC ? Até que ponto essa peça (TA) de um sistema tem força suficiente para provocar mudanças tão profundas e abrangentes como as definidas nos objetivos do Projeto ? O que fez o CJC optar por essa peça ? Foram aventadas outras alternativas ?
 4. Tecnologias alternativas desenvolvidas por pequenos agricultores são geradas em circunstâncias de limitações de recursos materiais, financeiros e de conhecimentos específicos para serem apropriadas pelo sujeito gerador. Em se tratando de pequenos agricultores, até que ponto é possível utilizá-las como instrumento de associação ?
 5. Como são organizados os sistemas de produção em que a disponibilidade de tecnologias alternativas responde apenas por uma parte das necessidades do sistema ?
 6. A comercialização da produção tem se constituído em um dos principais problemas e desafios para os pequenos agricultores e organizações de apoio. Por falta de instrumentos de intervenção no mercado os excedentes dos pequenos agricultores são apropriados por outros segmentos. Como é enfrentado o problema da comercialização dos produtos obtidos através da produção com tecnologias alternativas ? Que diferenças ou semelhanças existem entre os produtos obtidos com a utilização das T.A e os orgânicos ? Como foi resolvida a questão da aproximação do produtor com o consumidor ? Como é resolvido o problema da escala de produção para levar os produtos aos mercados mais distantes ?
-

7. Conteúdos tecnológicos que proporcionam resultados de curto, médio e longo prazos implicam em tratamentos metodológicos ou de tecnologias de transferência distintos. Como a equipe define os métodos de difusão ?

8. As queimadas, os agrotóxicos e a erosão são problemas ambientais da maior gravidade na agricultura. Esses problemas se constituem em objeto especial de atenção do PTA ? Que tecnologias alternativas são difundidas para enfrentar esses problemas e que resultados foram obtidos ?

9. O Projeto TA definiu um circuito de captação, sistematização e difusão de tecnologias, centrado no resgate de experiências populares. A articulação e participação das instituições de pesquisa neste circuito ainda é muito incipiente, apesar das inegáveis conquistas tecnológicas destas instituições. Qual é o papel dos centros de experimentação do CJC, quais seus limites e possibilidades ?

No segundo momento, o trabalho envolverá a equipe de TA e a Cese e tentará responder as questões formuladas pela ICCO e pela própria equipe, tendo como referências os indicadores para avaliação e o produto esperado, definidos nos Termos de Referência do CJC. Esta etapa compreende entrevistas com os técnicos, elementos-chaves, lideranças populares, organizações, pesquisa documental e de campo. O trabalho consistirá em:

1. Comparar os principais indicadores agroeconômicos das culturas e criações dos beneficiários do Projeto com os agricultores convencionais, tais como:

1.1. Tolerância às adversidades climáticas e biológicas;

1.2. Custo de produção;

1.3. Rendimento das operações;

1.4. Rentabilidade dos modelos;

1.5. Mortalidade animal;

1.6. Natalidade animal;

1.7. Produtividade do rebanho;

1.8. Agregação de renda com o beneficiamento e comercialização;

1.9. Mecanismos associativos de gestão;

2. Comparar a participação dos beneficiários nas suas organizações e nos movimentos reivindicatórios e políticos, a partir da intervenção do Projeto.

2.1. Movimentos ecológicos;

2.2. Movimento de mulheres;

2.3. Movimentos pela conquista dos instrumentos de políticas agrícolas que viabilizem o novo modelo proposto no Projeto.

2.4. Participação em sindicatos, associações e cooperativas de pequenos produtores e trabalhadores rurais;

2.5. Movimentos pela conquista da reforma agrária;

2.6. Movimentos por outras conquistas de cidadania;

Passos metodológicos:

1. Discussão da proposta com a equipe do Projeto T.A do Centro Josué de Castro.

2. Elaboração dos instrumentos de avaliação do segundo momento;

3. Realização de seminário com a equipe técnica e de monitores ou lideranças;

4. Visita às áreas de intervenção e entrevista com beneficiários, organizações e outros produtores;

5. Pesquisa documental (consulta aos relatórios de andamento e outros documentos do Projeto T.A);

6. Elaboração de relatório;

7. Discussão do relatório;

8. Relatório final;

Documentos necessários:

Mapear as intervenções nos mapas de Pernambuco e Paraíba.

Relatórios do Projeto TA

Relação cronológica dos técnicos (com formação) envolvidos no PTA.

Relatórios e cópias de projetos ou planos das experiências desenvolvidas nos centros de experimentação do CJC.

PROPOSTA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS
PERNAMBUCO/PARAÍBA, DO CENTRO JOSUÉ DE CASTRO

... e o que foi feito é preciso conhecer
para melhor prosseguir

Milton Nascimento

1. CONCEPÇÃO:

A avaliação é aqui concebida como parte do processo de desenvolvimento do PTA PE/PB. A tarefa de avaliar cabe a todos os atores e parceiros desse processo comprometidos com os objetivos, estratégias, metas e, sobretudo, com a caminhada e o horizonte que se quer descortinar. O momento é, portanto, de exercitar a crítica e a reflexão de conteúdos e métodos do projeto, e de identificar caminhos e atalhos mais seguros que conduzam seus passageiros em direção a esse horizonte.

2. OBJETIVOS:

- Aferir o progresso obtido pelo Projeto Tecnologias Alternativas em direção à construção de um novo modelo de desenvolvimento rural baseado na agroecologia e na pequena produção.
- Sistematizar a concepção, estratégia e prática do Projeto.
- Aferir o impacto dos diferentes métodos e instrumentos de trabalho utilizados (diagnóstico participativo, capacitação, intercâmbio, acompanhamento de experiências de referência, materiais de difusão) junto aos agricultores, em termos produtivos, ecológicos, sócio-econômicos e organizacionais.
- Avaliar a implementação do Projeto em termos da sua operacionalização funcional (estrutura interna e eficácia da equipe) e da sua situação institucional.
- Identificar os principais entraves para a atuação do Projeto.
- Buscar propostas de superação dos problemas e fazer recomendações para aperfeiçoar a estratégia e a prática do Projeto.

3. METODOLOGIA:

A concepção acima exposta define a avaliação como processo participativo: a metodologia, os parâmetros, os indicadores e roteiros se rão construídos em conjunto pelo avaliador e os avaliados.

Ao longo do processo de avaliação serão utilizados os seguintes métodos:

- estudo dos documentos e textos produzidos pela equipe (avaliador);
- reunião inicial de discussão da proposta de avaliação (avaliador-equipe PTA);
- reunião sobre a concepção, a estratégia e o funcionamento interno do Projeto (avaliador - equipe PTA);
- visitas de campo a experiências de trabalho significativas do Projeto (avaliador - técnicos PTA - parceiros - agricultores);
- reunião de discussão do impacto, dos resultados e das repercussões do trabalho do PTA (avaliador - equipe PTA);
- entrevistas individuais (avaliador - membros da equipe PTA - parceiros);
- reunião com parceiros do Projeto (avaliador - parceiros - equipe PTA);
- primeira avaliação do processo de avaliação (avaliador - equipe PTA);
- elaboração do relatório de avaliação (avaliador);
- seminário final sobre os resultados e conclusões da avaliação (avaliador - equipe PTA - diretoria CJC).

4. PERGUNTAS SOBRE CONCEPÇÃO, OBJETIVOS E ESTRATÉGIA DO PROJETO:

1. Qual é o conceito de agroecologia da equipe e como se dá o processo de definição das prioridades temáticas e das propostas técnicas a serem difundidas?
2. Como o PTA se insere no contexto do movimento/da rede nacional de agroecologia?
3. Seria a agroecologia o caminho mais eficaz que outros instrumentos de política agrícola para atingir os objetivos do PTA?

- Até que ponto a proposta agroecológica tem força suficiente para provocar mudanças tão profundas e abrangentes como as de finidas nos objetivos do Projeto? Foram aventadas outras al ternativas?
4. Como a equipe avalia as perspectivas da pequena produção? Quais as tendências que se pode observar em Pernambuco e Pa raíba? A pequena produção tem condições de se tornar economi camente viável? Que mecanismos ela desenvolve para resistir?
 5. Qual é a importância da parceria com o movimento social e o sindicalismo rural na estratégia do PTA?
 6. Como a intervenção do PTA consegue influenciar as políticas públicas no meio rural?
 7. A comercialização da produção constitui um dos principais pro blemas e desafios para os pequenos produtores e organizações de apoio. Por falta de instrumentos de intervenção no merca do, os excedentes dos pequenos produtores são apropriados por outros segmentos. Como o Projeto encara a questão da comer cialização nas áreas de intervenção priorizada?
 8. Conteúdos tecnológicos que proporcionam resultados a curto, médio e longo prazo implicam tratamentos metodológicos distin tos. Como o Projeto define os métodos de difusão?
 9. O desmatamento, as queimadas, o declínio da fertilidade do so lo, a erosão e o uso de agrotóxicos são problemas ambientais da maior gravidade na agricultura. Esses problemas se consti tuem em objeto especial de atenção do PTA? Que tecnologias al ternativas são difundidas para enfrentar esses problemas e que resultados foram obtidos?
 10. Como o PTA PE/PB articula a sua intervenção local "micro" (ex periências de referência e acompanhamento direto da produção) com a sua atuação "macro" (inserção em redes estaduais, regio nais e nacionais, pressão sobre políticas públicas)? Quais são os diferentes níveis de atuação e de prioridade definidos pela estratégia do Projeto?

5. INDICADORES PARA AVALIAR OS PROGRAMAS E ATIVIDADES DO PROJETO:

(em processo de elaboração)

6. PROPOSTA DE CRONOGRAMA:

Segunda Feira, 07.06.93

- Reunião equipe de avaliação - diretoria do CJC.
- Reunião equipe de avaliação - equipes Pesca e PTA:
 - . proposta, metodologia e cronograma da avaliação;
 - . situação institucional do PTA e Projeto Pesca.
- Reunião equipe de avaliação - Conselho Diretor - Diretoria do CJC.

Terça Feira, 08.06.93

- Reunião avaliador - equipe PTA:
 - . concepção do PTA: questões sobre pequena produção, agroecologia e ligação com o movimento social;
 - . estratégia de intervenção do PTA;
 - . organização e funcionamento interno do Projeto.
- Entrevistas individuais a membros da equipe PTA.

Quarta Feira, 09.06.93

- Visita de campo a dois assentamentos da Mata Norte:
 - . Inhamã - experiência de referência e encontro com o grupo de apicultores;
 - . Engenho Novo - encontro com o grupo de apicultura.
- Entrevistas individuais a membros da equipe PTA.

Quinta Feira, 10.06.93

- Visita de campo ao município de Bom Jardim:
 - . reunião com a Diretoria do STR;
 - . visita à comunidade de Paquevira - experiência de referência e encontro com agricultores.

Sexta Feira, 11.06.93

- Reunião avaliador - equipe PTA:
 - . impacto, resultados e repercussões dos programas e atividades do Projeto;
 - . entraves e limites do trabalho.
- Entrevistas individuais a parceiros do PTA.

Sábado, 12.06.93

- Seminário com parceiros do PTA: (Fetape, Contag, CUT, STR Bom Jardim, STR Triunfo, STR Belmonte, Apicultores Mata Norte, Forum Secca, Seapas, Emater-PB, CPT, Assocene, UFRPE, UFPB, AS-PTA).
 - . contribuição da intervenção do PTA (assessoria, capacitação, intercâmbio, comunicação);
 - . parceria com o movimento sindical rural;
 - . influência sobre políticas públicas.

Segunda Feira, 14.06.93

- Período para trabalho individual do avaliador.

Terça Feira, 15.06.93

- Avaliação com o PTA: conclusões preliminares.

Recife, 18.05.93

INDICADORES PARA AVALIAR OS PROGRAMAS E ATIVIDADES DO PROJETO TA
(POR LINHA DE INTERVENÇÃO)

1 DIAGNÓSTICO

1. público (perfil e abrangência)
2. nº de participantes
3. duração
4. participação
5. construção e validação do método
6. desdobramentos práticos
7. repercussão

4 ACOMPANHAMENTO

1. nº e tipo de experiências
2. público
3. frequência
4. desenvolvimento e acúmulo de conhecimentos
5. potencial multiplicador
6. repercussão

3 ARTICULAÇÃO/INTERCÂMBIO

1. nº e tipo de atividades
2. público
3. duração
4. temas
5. continuidade
6. repercussão
7. propostas técnicas

DOCUMENTAÇÃO

1. nº e tipo de títulos catalogados
2. nº e tipo de títulos em circulação
3. nº, frequência e tipo de solicitação
4. utilidade aos programas do PTA
5. tipo e quantidade de registro do trabalho

6 FOMENTO

1. nº de empréstimos
2. valor
3. público
4. nº de participantes
5. tipo de investimento
6. devolução

5 EXPERIMENTAÇÃO

1. público
2. nº de participantes
3. nº de unidades de produção
4. nº e tipo de experimentos
5. metodologia
6. sistematização
7. duração
8. impacto na produção
9. impacto no meio ambiente
10. difusão
11. repercussão
12. propostas técnicas

2 CAPACITAÇÃO

1. nº e tipo de eventos
2. temáticas
3. público (perfil e abrangência)
4. nº de participantes
5. duração
6. metodologia
7. sistematização
8. continuidade/acúmulo
9. adoção dos conteúdos
10. repercussão
11. fonte de informação

COMUNICAÇÃO

- dentro dos programas:
 1. nº e tipo de instrumentos
 2. público (perfil e abrangência)
 3. fonte de informação
 4. retroalimentação
 5. nº e tipo de informação veiculada nos meios de comunicação de massa
 6. enfoque das informações veiculadas
- avaliando os principais instrumentos produzidos pelo PTA:
 1. periodicidade/tiragem
 2. público
 3. objetivos
 4. temáticas
 5. relação com a estratégia do PTA
 6. fonte de informação

centro
JOSUÉ DE CASTRO
Estudos e Pesquisas

DISCUSSÃO DO ROTEIRO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DO CJC
PELA EQUIPE DO PROJETO TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS PERNAMBUCO/PARAÍBA

Recife, 20 de abril de 1993

I. QUESTÕES GERAIS

1. Quais as principais indagações que o CJC tem sobre sua questão institucional?

- . A principal questão é a Identidade Institucional do Centro Josué de Castro, caracterizada pela ausência de organicidade e cooperação entre os diversos GTs, ou projetos; pela inexistência de uma relação entre o marco teórico e as intervenções do CJC; pela carência de vida coletiva.

Lembramos um texto do Planejamento Trienal, pág. 4, que explicita bem o problema "... esta diversidade (do CJC) constitui-se no traço marcante de sua atuação. Na verdade, trata-se de uma entidade que desenvolve um conjunto de atividades diversificadas, que não lhe asseguram uma identidade institucional".

Então perguntamos: qual é o objeto de trabalho do CJC? Qual é o seu conteúdo? Qual é a sua estratégia?

2. Sobre que aspectos da sua estrutura, condições operativas, metodológicas e gerenciais existem dúvidas?

A questão vai além de meras dúvidas, apontando para os problemas fundamentais do CJC:

- . Se os projetos não têm objetivos comuns nem pontos de interação, como pode funcionar uma estrutura comum? Os diversos projetos têm identidades, necessidades e demandas diferentes, às quais a estrutura comum do CJC não consegue responder.

- . O CJC é uma estrutura pesada e cara. Qual é a contrapartida em termos dos serviços oferecidos aos projetos? O custo da instituição é muito elevado, em relação às atividades concretas que garantem a imagem da instituição.
 - . Na estrutura do CJC, há uma dificuldade de mobilizar os sócios, falta renovação de quadros e idéias, não há mecanismos e vontade para ser mais dinâmico. Qual é o funcionamento democrático no CJC? Quem decide? Quem mantém o Centro? Quem efetivamente pode reorientar o CJC? Quais são os canais de participação e gestão?
 - . A estrutura pesada provoca dificuldades operativas e gerenciais. Existe desorganização administrativa, relatórios atrasados, etc. Não são garantidos os prazos e as atividades de prestação de contas. Há um esforço recente para agilizar, com a nova diretoria e gerência administrativa, mas está muito aquém da expectativa do PTA. Na parte gerencial e administrativa, o CJC funciona essencialmente como um banco para recolher e realocar os recursos. A operacionalização deste processo é demorada, falta agilidade e rapidez na movimentação interna dos recursos.
 - . Sobre a metodologia, praticamente não existe discussão, definição ou acompanhamento.
Existem metodologias em cada grupo/projeto, que não são socializadas. Não existe orientação ou coordenação da parte do CJC.
3. Quais as causas dessas dúvidas?
- . Historicamente, o Centro Josué de Castro surgiu como um espaço alternativo de trabalho frente ao fechamento do Estado, tendo um importante papel naquela conjuntura. Nestes últimos 10 anos, processaram-se mudanças significativas no campo político, nos movimentos sociais, e também nas ONG's. Todavia, parece-nos que o CJC não se incorporou no processo de transformações, o que exigiria redefinições de sua identidade. Apesar dos esforços em mudar o discurso no sentido de responder à nova realidade, a prática continua sendo orientada pelos referenciais anteriores.

A sua herança histórica, cultural e intelectual revela-se hoje: na origem de grupos desarticulados das experiências já em desenvolvimento; na dificuldade de profissionalizar a instituição; na convivência espacial de equipes que desconhecem as intervenções da instituição; na ausência de discussões entre projetos e grupos porque não se interagem; na lista de diversos objetivos da instituição que não se articulam numa proposta global; etc.

4. Que alternativas já foram pensadas?

O Projeto Institucional de 1989, que fracassou.

O último processo eleitoral no CJC, seguido de um diagnóstico interno, resultou numa mudança de estatuto, criou novos mecanismos de gerência administrativa e elaborou o planejamento trienal 1993-95. O avanço ainda é mínimo, pois o referido plano praticamente é uma "colcha de retalhos" e não vem sendo usado como referência para o trabalho. Depois de constatar que o Projeto Institucional "não conferiu a identidade do Centro", o documento transforma esse dilema em virtude, falando de "multidisciplinaridade", onde diferentes vertentes "Se complementam e convivem harmoniosamente".

II. QUESTÕES ESPECÍFICAS

1. Como são definidas as pautas (programas) de trabalho de cada equipe?

São definidas isoladamente por cada Projeto ou Grupo de Trabalho, mesmo quando se trata de projetos afins, sem nenhuma relação com a Diretoria do CJC. Há uma comodidade no sentido de não procurar uma interação entre os grupos e entre grupos e diretoria. Esta situação reflete a dispersão e o desconhecimento mútuo no seio do CJC.

2. Existe questionamento sobre esta forma?

Da nossa parte sim, inclusive buscamos apoio fora do CJC, principalmente na Rede PTA. Não encontramos no Centro o espaço para planejar o nosso trabalho de forma articulada com os outros projetos.

3 . Questionamentos nos aspectos de:

- qualidade técnica: falta um aprofundamento quanto aos conteúdos temáticos, definições de estratégia e metodologias, capacitação da equipe. Precisamos avançar em termos de conteúdos técnicos e métodos de intervenção no campo em que atuamos: agroecologia e pequena produção rural no Nordeste.

Nisto, vivemos uma completa solidão no CJC, e, procuramos alimen-
tar nosso trabalho através da Rede PTA NE, para alcançarmos maior
qualidade e eficiência nas nossas intervenções.

- legitimidade política: a relação do CJC com o movimento popular não é muito estreita, e o Centro tem pouca influência na elaboração de políticas públicas. No entanto, o CJC fornece muitos quadros aos governos ditos progressistas. O PTA vê na parceria com o movimento sindical rural uma prioridade estratégica, e procura influir nas políticas públicas através de articulações como o FORUM SECA, campanha contra a Lei das Patentes, etc.

- Coerência com os princípios gerais do Centro: nunca foi feita uma avaliação para explicitar as possíveis divergências entre os grupos, e destes em relação aos princípios gerais. A grande generalidade e elasticidade destes princípios dificulta tal avaliação. Mas como tudo cabe no CJC, é provável que haja divergências significativas.

- prioridade diante da conjuntura: não há definições estratégicas em função de tais prioridades. O CJC corre atrás das propostas que lhe são apresentadas. A pouca mobilidade do Centro atrasa a sua sintonia com a dinâmica da sociedade.

4./5. Como têm sido resolvidas estas questões?

Que outras alternativas têm sido pensadas?

O processo de elaboração do Projeto Institucional e do Planejamento Trienal pretendia dar uma nova dinâmica ao CJC e contribuir para superar a dispersão. No entanto, não estamos vendo nenhuns resultados concretos (mesmo parciais) nessa perspectiva.

- 6 . Contato com outras ONG's pelos projetos ou pelo Centro como entidade:

O contato é feito das duas formas. Em instâncias mais gerais, como no Fórum das ONG's, participa a direção do CJC. Em articulações e redes temáticas, a relação é via projetos: p. ex: Rede PTA, Fórum Seca. No geral, avaliamos que há uma maior incidência de contatos via Projetos/Grupos do que via Diretoria do Centro.

- 7 . Idéias, experiências, questionamentos, sugestões sobre o contato com outras ONG's.

- . Como não existe uma interação mais ativa e orgânica dentro do CJC, às vezes é difícil falar em nome da instituição. Isto acontece inclusive com as pessoas mais experientes que não conseguem resumir o pensamento do CJC, falando sempre das partes e nunca do todo.
- . Como a heterogeneidade é abrangente e não existe intercâmbio para socializar e sistematizar concepções, conteúdos, projetos, é possível que entre os sócios e técnicos do CJC, haja concepções e projetos distintos e talvez divergentes.
- . O caminho para a coerência e superação das dificuldades passa pela reformulação dos princípios, concepção e prática do CJC, em que as experiências isoladas se incorporam.
- . A riqueza dos intercâmbios vividos por GT's com outras ONG's não é assimilada pelo conjunto do CJC.
- . Há desconforto quanto à nossa identidade (CJC) nas relações com as ONG's e parceiros: sermos (GT) identificados por CJC em torno de intervenções da entidade, das quais discordamos por concepção de trabalho; realizarmos (GT) o trabalho e o resultado ser atribuído a um corpo institucional disperso e organicamente fictício.

8 . Contato com as agências financiadoras:

O contato é desenvolvido principalmente pelo grupo que elaborou o projeto, através do envio de relatórios financeiros, relatórios de atividade e material informativo. Nas visitas periódicas dos representantes das agências, o contato é tanto com o grupo/projeto financiado como com a diretoria do Centro.

9 . Idéias, experiências, questionamentos, sugestões sobre o contato com as agências financiadoras:

Realmente é necessário uma relação direta e mais estreita entre os projetos e os representantes das Agências Financiadoras, para que estes possam conhecer e compreender o trabalho. Esta relação não se pode realizar via diretoria do CJC. Há questionamento quanto ao conhecimento do trabalho dos grupos pela Diretoria, quando ela discute com as agências a renovação do financiamento.

Aparentemente existe uma lógica em que cada Grupo/Projeto deve defender seus recursos e que a diretoria preocupa-se em defender a manutenção da instituição (a máquina, a infraestrutura, os serviços próprios da casa). A contradição é constante: O projeto/grupo assume o trabalho e alimenta a relação com a agência, mas não é a instituição, enquanto a diretoria que representa o CJC prioriza a manutenção da máquina institucional.

Como a maioria dos projetos têm uma duração limitada, os projetos permanentes e consolidados sofrem da instabilidade e efemeridade dos restantes grupos que integram o Centro.

QUESTÕES ESPECÍFICAS

1. DEFINIÇÃO DAS PAUTAS DE TRABALHO DE CADA EQUIPE

- Definição pela equipe do projeto sem participação da coordenação
- Ausência de outros integrantes do CJC nas discussões e definições
- Excesso de trabalho dificulta o aprofundamento de discussões, etc.
- Com relação a coordenação: pautas de trabalho são definidas segundo os compromissos do Plano Trienal.
- Implantar-se uma sistemática de acompanhamento dos projetos
- Falta de uma integração do programa de trabalho de cada grupo com a programação mais abrangente do CJC.
- Com os grupos beneficiários do projeto (GT P.P.)

2. QUESTIONAMENTOS QUANTO A:

a. qualidade técnica

- falta de subsídios para planejamento no setor pesqueiro especialmente
- falta um aprofundamento quanto aos conteúdos temáticos, definições de estratégias e metodologias, capacitação da equipe
- é preciso uma melhoria na sistematização das experiências.

b. legitimidade política

- relação do CJC com o movimento popular não é muito estreito
- CJC tem pouca influência na elaboração de políticas públicas
- Centro tem o reconhecimento pelos movimentos sociais e pelos segmentos expressivos da sociedade.

c. Coerência com os princípios gerais do Centro

- nunca realizou-se uma avaliação sobre as divergências ou não entre os grupos e o Centro
- existe compatibilidade com os princípios colocados no Plano Trienal
- busca-se uma coerência com os princípios que respaldam o Centro.

d. Prioridade diante da Conjuntura

- não há definições estratégicas em função de tais prioridades. A pouca mobilidade do Centro atrasa a sua sintonia com a dinâmica da sociedade.

3. O CONTATO COM OUTRAS ONG's:

- São realizados de duas maneiras: como entidade e como projetos.

4. CONTATOS COM AGÊNCIAS FINANCIADORAS

- Geralmente é estabelecido pelo CJC e em alguns casos pelos projeto
- Existe o consenso que os projetos e os contatos com agências são a atribuições do Conselho Diretor, ou seja o CJC como entidade
- Vem se fortalecendo a postura de que as articulações se façam conjuntamente.
- É necessário uma relação direta e mais estreita entre os projetos os representantes das agencias financiadoras para que estes possam conhecer e compreender o trabalho. Esta relação não se pode realizar via diretoria do Centro.
- Aparentemente existe uma lógica em que cada Grupo/Projeto deve defender seus recursos e que a diretoria ocupa-se em defender a manutenção da instituição.
- A individualização da negociação é incorreta do ponto de vista político-institucional.

Observação a parte: Nas avaliações sempre são apontados os mesmos aspectos críticos da estrutura e organização do CJC e seus grupos de trabalho. Parece que os grupos sentem ameaçada sua autonomia por isso e como tais continuam a atuar de modo não integrativo

PROBLEMAS CENTRAIS E SEU DESDOBRAMENTO

<p>INDEFINIÇÃO DE ASPECTOS FUNDAMENTAIS DO PROJETO C J C</p>	<p>DESINTEGRAÇÃO DOS GT's COM O CJC</p>	<p>DESORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E OPERACIONAL</p>	<p>FALTA DE UMA POI CAPTAÇÃO DE R</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de eixos temáticos definidos. - Problemas de identidade institucional - Dispersão e diversidades de interesses e atuações. - Desconhecimento do Plano Trienal. - Falta de um marco metodológico (princípios) - Falta de critérios para a criação de novos GT's e uma admissão de novos sócios. - Inexistência de uma relação entre o marco teórico e as intervenções do Centro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de identificação dos GT's com o Centro - GT's atomizados onde prevalece a individualidade - Ausência de uma política de divulgação e discussão aberta da produção do Centro - Deficiência de organicidade - Falta de uma política de captação para os técnicos do Centro - Falta de um espaço para troca de experiências entre os GT's. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estruturar/ não atende adequadamente as necessidades dos projetos. → Apelo logístico deficiente por falta de planejamento e racionalização → * Defasagem entre o custo da instituição e os benefícios prestados aos GT's. - Sistema de controle administrativo e financeiro é obsoleto - Demora na implantação de um sistema de acompanhamento dos projetos pela coordenação técnica-científica. - Falta de capacidade de operacionalização do Plano Trienal/Institucional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desgaste interno - Sobre carga financeira. - Individualização com as agências - Prejuízo nas projetos investimentos na novos quadros do C

FICHA DO TÉCNICOS

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: AVANILDO DUQUE DA SILVAIDADE: 28 ANOSNATURALIDADE: PAULO ATONSO (BA)NACIONALIDADE: BRASILEIRA

TELEFONE: _____

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: AGRÔNOMO / MESTRANDO EM GEOGRAFIAANO DA FORMAÇÃO: 19862. TEMPO NO PROJETO T.A.: 2 ANOS E 5 MESESFUNÇÕES E RESPONSABILIDADES: TÉCNICO : COORDENA PROGRAMA DE DIFUSÃO DO AMENDOIM E PROGRAMA DE SOLOS / AGSILVICULTURA .CARGA HORÁRIA: 04 HORAS / DIAS

3. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

ENTIDADE: POLO SINDICAL DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO - PE/BAFUNÇÕES: ASSESSOR TÉCNICO - AVALIAÇÃO DE PROJETOS E PROPOSTAS PARA O REASSENTAMENTO RURAL DE ITAPARICA . ATIVIDADES DE CAPACITAÇÃO E EXTENSÃO.PERÍODO: JULHO DE 1987 A AGOSTO DE 89.ENTIDADE: INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIALFUNÇÕES: TÉCNICO - ATIVIDADES DE EXTENSÃO / CAPACITAÇÃO ELABORAÇÃO DE MICROPROJETOS ECONÔMICOS COORD. EQUIPE TÉCNICA.PERÍODO: OUTUBRO DE 89 A NOV. 90

FICHA DO TÉCNICOS

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: FLÁVIO DUARTE DA FONSECA

IDADE: 28 ANOS

NATURALIDADE: JOÃO PESSOA (PB)

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

TELEFONE: RES. 429 2370

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: AGRÔNOMO

ANO DA FORMAÇÃO: 1989

2. TEMPO NO PROJETO T.A.: 1 ANO E 8 MESES

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES: TÉCNICO - COORDENA O TRABALHO
COM SEMENTES - ACOMPANHA AS INTERVENÇÕES TÉCNICAS EM
BOM JARDIM (PE).

CARGA HORÁRIA: 08 HORAS/DIA

3. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

ENTIDADE: FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TRABALHADORES EM
PRODUTOS AGRÍCOLAS E SIMILARES - FITPAS

FUNÇÕES: EDUCADOR POPULAR

PERÍODO: 1990 A 1991

ENTIDADE: _____

FUNÇÕES: _____

PERÍODO: _____

FICHA DO TÉCNICOS

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: JOSEILTON EVANGELISTA DE SOUSA

IDADE: 22 ANOS

NATURALIDADE: CATOLÉ DO ROCHA - PARAIBA

NACIONALIDADE: BRASILEIRO

TELEFONE: (071) 222-1906

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: TÉCNICO EM AGRICULTURA

ANO DA FORMAÇÃO: 1987

2. TEMPO NO PROJETO T.A.: 1 ANO

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES:

TEMA: AGRICULTURA

ACOMPANHAMENTO: MATA NORTE E BOA JARDIM - PG

CARGA HORÁRIA: 40 HORAS SEMANAIS

3. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

ENTIDADE: CECUNAS - CENTRO DE CAPACITAÇÃO E ACOMPANHAMENTO AOS PROJETOS ALTERNATIVOS

FUNÇÕES: CAPACITAÇÃO E DIFUSÃO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS E ACOMPANHAMENTO A COMUNIDADES RURAIS

PERÍODO: 02/1988 a 11/1989

ENTIDADE: MOEPG - MOVIMENTO FRATERNAL DE AÇÃO COMUNITÁRIA

FUNÇÕES: CAPACITAÇÃO E DIFUSÃO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS E ACESSORIA A ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES - REBA DE ASSENTAMENTO

PERÍODO: 06/1990 a 08/1992

FICHA DO TÉCNICOS

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: KURT HABERMEIER

IDADE: 45

NATALIDADE: HEILBRONN - ALEMANHA

NACIONALIDADE: ALEMÃ

TELEFONE: _____

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: SOCIOLOGIA/ANTROPOLOGIA/ECONOMIA DO

ANO DA FORMAÇÃO: 1976 DESENVOLVIMENTO

2. TEMPO NO PROJETO T.A.: 1 ANO E MEIO

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES: TÉCNICO COOPERANTE DO SACTES.

RESPONSABILIDADE ESPECÍFICA: DESENVOLVIMENTO DE UMA
METODOLOGIA DE DIAGNÓSTICO RÁPIDO E PARTICIPATIVO DE
AGROECOSISTEMAS (DRPA) COMO INSTRUMENTO DE INTER-
VENÇÃO NA PEQUENA PRODUÇÃO RURAL.

CARGA HORÁRIA: 40 HORAS / SEMANA

3. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

ENTIDADE: WED (ONG ALEMÃ) / MINISTÉRIO DE AGRICULTURA
DE MOÇAMBIQUE

FUNÇÕES: COORDENADOR DE PROJETO LOCAL DE DESENVOLVI-
MENTO RURAL INTEGRADO NA PROVÍNCIA DE TETE -
MOÇAMBIQUE (PEQUENA IRRIGAÇÃO / PRODUÇÃO ARTESANAL /
ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES EM COOPERATIVAS E ASSOCIA-
ÇÕES)

PERÍODO: 1983 - 89

ENTIDADE: UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE - MAPUTO -
MOÇAMBIQUE.

FUNÇÕES: PROFESSOR / PESQUISADOR DO CENTRO DE ESTUDOS
AFRICANOS DA UEM. TRABALHOS SOBRE A REALIDADE E
OS PROBLEMAS DE TRANSFORMAÇÃO DA AGRICULTURA
CAMPONESA EM MOÇAMBIQUE.

PERÍODO: 1977 - 1982

FICHA DO TÉCNICOS

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: MARCOS ANTONIO BEZERRA FIGUEIREDO
IDADE: 34 ANOS
NATURALIDADE: ARCOVERDE - PE
NACIONALIDADE: BRASILEIRO
TELEFONE: (081) 2714497
FORMAÇÃO PROFISSIONAL: ENGENHEIRO PESCA / DESTRADO SOCIOLOGIA (A CON CUI
ANO DA FORMAÇÃO: 1983 E 1989

2. TEMPO NO PROJETO T.A.: OITO ANOS E MEIO

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES: COORDENAÇÃO DO PROJETO T.A.
· ACOMPANHAMENTO DO TRABALHO DE CAMPO E ESCRITÓRIO.
· ELABORAÇÃO DE RELATÓRIO TÉCNICO E FINANCEIRO
· RELAÇÃO COM ONGS E ÓRGÃOS DE FINANCIAMENTOS
· COORDENAÇÃO DO FÓRUM SECA - PE
· REPRESENTAÇÃO DO PTA NA FÓRUM NE DO PTA.
CARGA HORÁRIA: 24 HORAS SEMANAIS

3. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

ENTIDADE: CNBB - REGIONAL NE - II

FUNÇÕES: COORDENADOR DOS PROJETOS ALTERNATIVOS
- REUNIÕES DE ARTICULAÇÃO DE COMISSÕES
DIOCESANAS
- SEMINÁRIOS DE FORMAÇÃO DE AGENTES PASTORAIS

PERÍODO: 1983 A 1985

ENTIDADE: PROJETO T.A. - PE/PB - FASE/RJ

FUNÇÕES: ARTICULAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO DE ENTIDADES
PARA FORMAÇÃO DA REDE DE INTERCÂMBIO PE/PB
ELABORAÇÃO DE PROJETOS, RELAÇÕES COM ONGS
REGIONAIS.
FORMAÇÃO DO FÓRUM SECA DE PE

PERÍODO: 1984 A 1993

OUTRAS : PROFESSOR DE EXTENSÃO RURAL

FICHA DO TÉCNICOS

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: Vanderlúcia Maria da Silva

IDADE: 31 anos (13.04.62)

NATURALIDADE: RECIFE - PE

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

TELEFONE: (081) 271 4497

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: JORNALISTA

ANO DA FORMAÇÃO: 1986

2. TEMPO NO PROJETO T.A.: 4 anos

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES: Secretaria Executiva do PTA; Coordenação e Produção de Comunicação: edição do boletim "Dois Dedos de Prosa", Caderno "Histórias da Roca", audio-visual, albums seriados, "lista TA", calendário anual (apicultura e peg. prod. assessoria de imprensa (matérias, informações, articulações).

CARGA HORÁRIA: 40 HORAS SEMANAIS

3. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

ENTIDADE: Prefeitura da Cidade do Recife - Adm. Gaspar Vasconcelos (1986-88)

FUNÇÕES: • Repórter, Redatora e Editora do "Jornal do Recife" - edições das RPA's (Secretaria de Ação Social e de Imprensa)

• Editora do Diário Oficial (Secret. de Imprensa)

• Chefe de Gabinete da Secretaria de Imprensa.

PERÍODO: 1986 - 1988

ENTIDADE: ETAPAS - Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social - Recife - PE

FUNÇÕES: Editora do jornal mensal "FOLHA DOS BAIRROS"

PERÍODO: 1989 - 90

... no Centro José de Castro numa

FICHA DO TÉCNICOS

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: MARLEIDE IRINEU DOS SANTOS

IDADE: 27 anos

NATURALIDADE: Pernambucana

NACIONALIDADE: Brasileira

TELEFONE: 432.2639

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: Bacharel em Biblioteconomia

ANO DA FORMAÇÃO: 1989

2. TEMPO NO PROJETO T.A.: 01 ano e 08 meses

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES: Documentalista

Circulação da Informação ; Organização e Manuntenção dos documentos;
Atendimento ao Público; Intercâmbio com outras Instituições; Compra de
publicações; Atualização de endereços da Mala Direta; etc.

CARGA HORÁRIA: 20 horas semanais

3. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

ENTIDADE: APMP - Academia de Polícia Militar do Paudalho

FUNÇÕES: Bibliotecária

PERÍODO: 1990 à 1991

ENTIDADE: CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS JOSUÉ DE CASTRO

FUNÇÕES: Bibliotecária

PERÍODO: 1989 à 1993.

FICHA DO TÉCNICOS

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: Ariluce Prieto Peres Thiesen

IDADE: 45 anos

NATURALIDADE: Pernambucana

NACIONALIDADE: Brasileira

TELEFONE: 326.1184 (mãe)

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: Técnica em Contabilidade

ANO DA FORMAÇÃO: 1966

2. TEMPO NO PROJETO T.A.: 1990

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES: Secretária

Datilografia em geral, folha pagamento, arquivo, compra de material,
toda parte administrativa do projeto.

CARGA HORÁRIA: 32 horas semanais.

3. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

ENTIDADE: EMPRESA CONSTRUTORA CONDE DE PORTO ALEGRE LTDA

FUNÇÕES: Encarregada do Setor de Contabilidade

PERÍODO: 1976 a 1980

ENTIDADE: REDE NACIONAL DE INFORMAÇÕES SOBRE O CAMPO DO NORDESTE - RECAN
centro Josué de Castro.

FUNÇÕES: Secretária

PERÍODO: 1986 a 1990